

BIBLIOTHECA THEATRAL

# CORAÇÃO E GENIO

LIÇÃO CONJUGAL EM TRES ACTOS

DRAMA ORIGINAL DE COSTUMES BRAZILEIROS

POR

M. H. PIRES FERRÃO

O theatro é escola onde o drama.  
turgu ensina, o actor interpreta, e  
o povo aprende.

DO AUTOR.

RIO DE JANEIRO  
SERAFIM JOSÉ ALVES — EDITOR

83 Rua Sete de Setembro 83

# BIBLIOTHECA THEATRAL

DO EDITOR

## SERAFIM JOSÉ ALVES

83 RUA SETE DE SETEMBRO 83

Rio de Janeiro.

Coração e Genio, por Pires Ferrão.....	18000
Abel, Helena, por Arthur de Azevedo.....	18000
A filha de Maria Angé, pelo mesmo.....	18000
A casadinha de fresco, pelo mesmo.....	18000
Jerusalem libertada, pelo mesmo.....	18000
Niniche, pelo mesmo.....	18000
As duas orphãs, drama em 5 actos e 8 quadros.....	18000
Aimée ou o assassino por amor, drama em 5 actos.....	18000
A Judia, drama por Pinheiro Chagas.....	18000
A morgadinha de Val-flór, pelo mesmo.....	18000
Os Lazaristas, drama em 3 actos por Antonio Ennes.....	18000
A Estatua de carne, traducção do Dr. Pires d'Almeida.....	18000
Viagem à Lua, por Eduardo Garrido.....	18000
O Joven Telemaco, pelo mesmo.....	18000
Os Sinos de Corneville, pelo mesmo.....	18000
Balila, drama em 4 actos e 6 quadros.....	18000
Romance de um moço pobre, drama.....	18000
Fausto, drama phantastico de Gutierrez da Silva.....	18000
Amor e honra, drama em 2 actos.....	18000
O architecto das moças, comedia em 1 acto.....	18000
FFFF e RRRR, comedia em um acto.....	18000
A B C, comedia em 1 acto.....	18000
Baptizado e casamento, comedia em 1 acto.....	18000
As saias nas calças e as calças nas saias, comedia drama em 1 acto.....	18000
223 por 225, comedia em 1 acto.....	18000
A monomania, comedia em 2 actos.....	18000
A joia das joias, comedia em 1 acto.....	18000
Um diabrete de 16 annos, comedia em 1 acto.....	18000
Um idioma, entre-acto comico, (não entra dama).....	18000
Uma prima e tres bordões, comedia em 1 acto.....	18000
Os maçons e o bispo, comedia em 1 acto.....	18000
Bala queimada, scena comica.....	18000
O Amigo dos artistas, scena por um inimigo dos ditos.....	18000
As tribulações de um inspector de quarteirão, scena comica.....	18000
A historia de um marinheiro, contada por elle mesmo, scena comica.....	18000
Um alho, scena comica de Eduardo Garrido.....	18000
Em vespas de casamento, scena comica, em continuação a Um alho.....	18000
Uma victima do jogo, scena comica.....	18000
Cerração no mar, scena dramatica.....	18000
Cegueira ou bebedeira? parodia da precedente.....	18000
Faz-me o favor de seu fogo? dialogo comico.....	18000
Alto vareta! scena comica.....	18000
Um conductor de omnibus, scena comica.....	18000
O Orphão, scena dramatica.....	18000
O Assassino, scena dramatica.....	18000

OUTRAS PECAS DE THEATRO

BIBLIOTHECA THEATRAL

# CORAÇÃO E GENIO

## LIÇÃO CONJUGAL EM TRES ACTOS

DRAMA ORIGINAL DE COSTUMES BRAZILEIROS

POR

M. H. PIRES FERRÃO

O theatro é escola onde o dramaturgo ensina, o actor interpreta, e o povo aprende.

(Do Author.)

[1879]

RIO DE JANEIRO

SERAFIM JOSÉ ALVES—EDITOR

83 Rua Sete de Setembro 83

---

Typographia—ACADEMICA—rua Sete de Setembro n. 78

---

A M. H. Pires Ferrão

Meu caro amigo.

Está a soar a hora da minha partida: ouço daqui o uivo do vapor e as malas gritam por meu nome.

Não posso, porém, deixar o Rio de Janeiro sem deixar-te também duas palavras inspiradas por teu mimoso drama, pela tua dramática *Lição conjugal*, que ensina na escola do sentimento o meio de se encontrar os asperos caminhos do coração e do dever.

Procuraste um difficil rumo, meu sympathico amigo; a escola a que se filiou o teu esplendido talento está posta de parte:—os descendentes de Judas expulsaram Christo do Templo.

O teu escripto é uma prova de coragem, além de ser um documento de fina psychologia e de esmerado pensamento.

*Alea jacta est*: — é tua divisa assim. — Sê feliz, o que eu duvido; no entanto luta, que libarás entre os espinhos do trabalho o predilecto mel do Hymetho, com o qual se dulcificaram os labios da sublime poetisa do amor.

O teu drama não tem critica, nem tem historia, nem tem resumo analytico. E' uma pagina do coração, é uma lagrima, é uma realidade, é uma misericordia vasada em estylo simples, natural, comprehensivel, popular (peço venia pela expressão).

Tu não discutes, contas; mas contas com a certeza do mathematico e com a inspiração do poeta.— Serás querido, se por acaso não fôres comprehendido: descança.

Já te disse que estou a partir, e que um viajante mal tem tempo para afivelar a maleta e cingir as mãos amigas que se lhe apresentam nos ultimos minutos.

A minha opinião nada vale e nada esclarece. O teu drama é mais um raio da tua intelligencia tão apreciada quanto nobremente modesta.

Sei que não pretendes um logar no *Instituto*, publicando a tua obra, nem tão pouco expô-la aos feiteiros premios do *Conservatorio Dramatico*, que o céo conserve por muitos annos.

Escreveste a *Lição conjugal* para te distrahires. Distrahiste tambem o povo, e ornarás o magro catalogo das peças nacionaes com o teu delicado e precioso mimo.

Ha uma historia dentro do teu drama. Conta-la seria inutil, para ti que a sabes de cór, e para os indifferentes que não te comprehendem.

Eu te comprehendo, eu te louvo e eu te estimo!

Agradeço-te a opportunidade que me déste para applaudir a concepção do teu espirito, a tua gentileza de sentimento, a graça de estylo, a energia de tuas doutrinas, a piedade de tua alma e a multiplicidade de teus talentos.

Adeus, adeus, adeus! — *Shake hands!*

LUIZ GUIMARÃES JUNIOR.

Illm. Sr. M. H. Pires Ferrão.

Meu amigo.

Muito lhe agradeço ter-me proporcionado a leitura do seu primoroso trabalho—*Coração e Genio*.

E' realmente uma lição conjugal em 3 actos, como chistosamente o qualificou; e lição utilissima, porque, disse-o muito bem na dedicatoria, — quem o comprehender aprenderá que começa a expiação quando punge o arrependimento.

Conhecia já e admirava as multiplas faces do seu talento; mas confesso-lhe que, vendo-o tão familiarisado com os *prosaicos praxistas*, não o suppunha dotado de tão feliz vocação para um dos mais difficeis ramos da litteratura,—o *drama*.

Reconheço a minha incompetencia na materia, e nem a aspiro. Julgo destas produções pela impressão que causam, sem estabelecer parallelos nem confrontações.

Ouvi attentamente, e commovido por vezes, a leitura do seu drama. Lendo-o depois com pausa e reflexão, pude melhor apreciar a simplicidade, exactidão e sentimento com que tão ao vivo assignalou as causas de muitas desgraças que por ali ha.

Posto em scena e interpretado por verdadeiros artistas, o *Coração e Genio* será um successo para o nosso theatro, tão pobre de boas composições nacionaes.

Lá estimarei achar-me para applaudir-lo com a mesma sinceridade com que lhe aperto a mão.

Não fui o unico que leu-o nesta sua casa, até meu filho não se satisfiz com o que ouvirá, quiz lê-lo tambem.

Dahi a demora de que pede desculpa o

Seu amigo affectuoso, obrigado e admirador,

AFFONSO CELSO DE ASSIS FIGUEIREDO.

S. C., 30 de Agosto de 1875.

### Meu Pires Ferrão.

Li duas vezes o teu drama — *Coração e genio* :— já isso é uma prova de haver muito gostado d'elle.

Atten-tendo ás variadas accepções da palavra—*genio*:— eu quizera que melhor segurasses o sentido do titulo, alterando-o para—*Bom coração e máo genio*.

Alôra isso, e supprimindo o *fazer passeio*, da pagina 5, que, si uns tomarem por intencionalmente posto na bocca do toleirão do Antonico, outros attribuirão a um teu descuido, tudo é excellente.

De acção, linguagem e lançes simplicissimos, exprime com mes-  
tura os inconvenientes dos arrebatamentos de humor e caracter,  
que, podendo não depender de um fundo natural de maldade, pro-  
duzem ás vezes males iguaes aos que aahi se derivam.

A punição de Luiza e do marido (Eduardo) é importantissima,  
pois exhibe a mais edificante lição.

Os caracteres de Candinha, Carlos e Dr. Leopoldino são bem de-  
senhados, e coloridos com a sobriedade de artista que não pinta  
para espantar fêras; o de Josepha, moderadamente pathetico,  
desperta comtudo grande interesse por essa victima da injustiça; e  
o de Antonico tem o sufficiente sal comico para produzir o riso.

Com pequeno pessoal e scenario; sem phrases bombasticas; sem  
violentos choques, que abalam desapiedadamente os nervos, e  
acabando por embotar a sensibilidade, familiarisam-nos com os  
mais horripilantes quadros, e frustram de todo o escopo a que o  
drama deve de procurar attingir; sem a celebração do adulterio,  
ou a complacencia ás faltas das mulheres casadas, hoje tão do  
gosto do theatro francez; sem os enormes escandalos, em todos os  
generos, da vida da familia, em busca de quasi impossibilidades  
chamadas *rehabilitações*; sem odios infundados e rancores impla-  
caveis contra classes, que não são culpadas da nobreza de sua  
origem; sem a exaggerada exposição, emfim, das ulceras mais pro-

fundamente gangrenadas da sociedade, contrafazendo a vista e o olfacto de quem se não compraz com os espectáculos de escancarada torpeza (tudo amores e delicias da *Escola realista*)—dêste ao nosso theatro uma peça que lhe offerece o quilate do teu discreto e formoso talento, e manifesta aptidão para o enriquecer de trabalhos didacticos, proprios a dirigirem a humanidade no caminho escabroso da virtude, longe de lhe callejarem o coração com as repetidissimas scenas do vicio e do crime, sempre tão impregnadas de sangue ou de pús, que, antes do callejamento, occasionam em demasia horror ou nojo.

Espera novos, e sempre novos ensejos de apreciar-te

O teu velho e nullo amigo

A. FELIX MARTINS.

Tivemos a honra e o prazer de assistir ante-hontem á noite á leitura de um drama do Illm. Sr. Manoel Hilario Pires Ferrão, denominado *Coração e Genio*.

Antes da leitura, S. S. tomando a palavra expoz com o talento que o caracteriza a idéa que teve escrevendo aquelle trabalho, qual o seu fundo de moralidade e a escola a que pertencia. Nessa occasião fez algumas considerações sobre as escolas dramaticas, cujo parallelo estabeleceu com um criterio que indica o veterano das lides litterarias. Concluindo esta especie de prologo verbal, S. S. pediu aos ouvintes que tomassem nota das passagens que lhes desagradassem, pois elle desejava que emittissem francamente a opinião que formassem, tanto sobre o trabalho *in totum*, como sobre qualquer de suas partes.

Seguiu-se então a leitura feita em tom claro e expressivo, finda a qual S. S. recebeu os mais merecidos cumprimentos dos cavalheiros e senhoras presentes.

O drama do Sr. Ferrão pertence inteiramente á escola realista, o assumpto é moralissimo e digno de ser notado seriamente como *lição conjugal*. A linguagem dos personagens é perfeitamente adaptada ao character de cada um e, sem ser florida de mais, tem contudo algumas figuras felizes, sendo de um portuguez castigado sem ser quinhentista. O entrecho é uma verdadeira antithese áquella fabula de Lafontaine *L'homme et le serpent*.

Uma familia recebe uma pobre orphã em sua casa e a educa quasi como filha, ao passo que esta paga estes beneficios com a maior amizade e dedicacão, a ponto de suportar com paciencia evangelica as impertinencias da dona da casa, senhora de bom coração, mas precipitada em seus juizos, de um genio atrabilario, e que, interpretando mal a amizade que existe entre a orphã e o filho, expulsa aquella do seio de sua familia.

Eduardo, o marido, ao chegar á casa e sabendo do acto injusto e intempestivo da esposa, censura-a, defendendo a moça; a consorte ainda se illude com os sentimentos de Eduardo, e o dialogo entre

os dous sobe a ponto tal que elle exasperado abandona a familia e desaparece.

Eduardo retira-se para o interior, mas antes de fazel-o havia encarregado um amigo, a quem entregou algumas apolices, de dar uma pensão á familia; este abusa infamemente desta confiança, de sorte que Luiza e seus filhos passam cinco annos de amarguras privações, apenas um tanto attenuadas pe'a benevolencia de um medico, irmão de Luiza, que, obrigada a engommar para viver e amargurada do desgosto e remorso, é devorada por certa febre de consumpção de máo character.

Nesse interim, a orphã ingratamente expulsa, e que se entregára a honesto trabalho, sabendo de todas estas desditas, volta ao lar, que não devêra ter sido forçada a abandonar, e constitue-se enfermeira da pobre doente, que só tarde reconhece o perigo de um genio como o seu. Aproxima-se o desenlace. Eduardo, sabedor emfim de tudo, vò ao seio da familia, e, depois de uma scena paratoria, por cujo fim não pôde esperar, atira-se nos braços da esposa moribunda, e nesta occasião cahe o panno.

Morreria Luiza? salvar-se-hia? só Deus, em quem os actores das scenas finaes depositam sua esperanza, o pôde saber; e é justamente este final que deixa o espectador em duvida, mas que lhe aponta o pharol da clemencia divina, a maior belleza do drama.

Ha dous typos naquella peça que podem parecer demais, mas que o não são: fallamos de Candinha, a filha de Luiza e de Eduardo, typo da donzella innocente, resignada, e amante carinhosa de sua mãe; especie de anjo da guarda da familia: e de Antonico, seu primo, rapaz de bom coração, mas esturdio, leviano e incapaz de tomar ao serio tudo quanto está fóra das raias de sua paixão hyppica: este typo é verdadeiramente o correctivo comico das scenas tristes do drama, que faz por vezes diversão no espirito dos espectadores com sua linguagem frivola. O papel de Carlos, joven estudante de medicina, a causa innocente de todas aquellas desditas e que sem ter chegado ainda ao termo de seus trabalhos já trabalha para ajudar sua familia; e o do doutor Leopoldino de

quem já fallámos, protector natural daquella familia, que o autor não podia abandonar completamente a si mesma, são duas felizes creações.

Finalmente, se não fóra o receio de sermos indiscretos, pediríamos ao distincto dramaturgo que dêsse ao publico, em geral, o prazer de apreciar o mimoso fructo de suas horas vagas.

O drama, cuja apreciação fraca e imperfeita acabamos de fazer, deve subir á scena no palco da distincta sociedade *Gremio Dramatico Juvenil*; já daqui se pôde concluir o valor que tem esta associação, que, além de fazer passar algumas horas agradaveis em seu theatrinho, vai-se tornando uma especie de gymnasio litterario; pois, graças á ella e á dedicacão de seus socios, já dentre elles têm surgido delicados autores, da leitura de cujas obras resulta uma verdadeira festa litteraria, como essa para a qual fomos tão graciosamente convidados, o que de coração agradecemos.

(Do *Diario de Noticias* de 11 de Janeiro de 1871.)

No dia 28 do corrente teve logar a 11ª recita do *Gremio Dramatico Juvenil*, em seu theatrinho sito á praia de Botafogo.

Subio á scena pela primeira vez o drama *Coração e Genio*, original brasileiro do Illm. Sr. M. H. Pires Ferrão. Esta mimosa composição, da qual já demos noticia na occasião em que tivemos a honra de assistir á sua leitura, produzio um effeito extraordinario, agora que foi representada; com effeito ha nella scenas tão tocantes e descriptas com tal naturalidade, que por mais de uma vez obrigaram delicados lenços a enxugarem preciosas lagrimas, que consistiam um dos mais bellos triumphos do litterato que as concebeu, ao passo que pouco depois o balsamo consolador do riso vinha fazel-as desaparecer, graças ao correctivo comico do drama, onde a satyra fina e o espirituoso trocadilho batiam-se sem conseguirem vencer-se: á vista do que levamos dito, já vê o leitor que o drama do Illm. Sr. Ferrão encerra em si os tres preceitos de um bom discurso—ensina, deleita e move—; nem era de esperar o contrario.

O desempenho esteve acima do possível, no palco de uma sociedade particular e tratando-se de um drama novo que apenas soffrêra dez ensaios. A Exma. Sra. D. C. C. revelou-se como artista de primeira força, e de tal sorte interpretou o difficilimo papel de Luiza, que pôde-se em consciencia dizer que ella duplicou o valor da peça. Parece incrivel que uma simples e innocente joven, habituada aos usos placidos, ao fallar singelo e doce da vida de donzella, possa, graças á sua intelligencia e força de vontade, transformar-se na mulher casada, ora caprichosa e activa, ora ciosa e sarcastica, que mais tarde inclina-se á borda do sepulchro, com a alma despedaçada pela angustia e pelo arrependimento, o rosto cadaverico, decomposto pelo soffrimento, e possuindo o olhar da desgraçada febricitante, victima de uma molestia consumidora; pois bem, tudo isto aconteceu e por isso tambem o triumpho foi digno della. As Exmas, Sras. D. P. O. M. e D. J. R. de A. tambem

foram muito bem em seus papeis, sobretudo a primeira, a quem competindo um papel mais difficil soube tirar delle um excellento partido.

Os papeis de que se encarregaram os Illms. Srs. M. do V. P. Ferrão, R. Croner, L. A. Braga e L. C. P. Ferrão, deram logar a que estes senhores tivessem mais uma occasião de patentear o talento que possuem. O Dr. Leopoldino, Eduardo, Carlos e Antonio foram dignos dos mais merecidos elogios.

Findo o drama foram, autor e actores, chamados á scena por duas vezes e calorosamente applaudidos, e dahi a pouco era o primeiro abraçado por grande numero de sinceros amigos que enchiam a sala.

Receba pois o corpo scenico do *Gremio Dramatico Juvenil* nossos sinceros parabens pela perfeição a que attingiram; receba-os tambem seu distincto ensaiador o Illm. Sr. E. Ferrão, porque tudo isto é devido ás suas lições e aos seus conselhos; finalmente aceite o Illm. Sr. M. H. P. Ferrão estas linhas, como fraca homenagem que prestamos ao illustre dramaturgo e ao digno presidente de tão brilhante sociedade.

(Do *Diario de Noticias* de 1 de Fevereiro de 1871.)



Se alguma vez o *Coração e genio* apparecer em scena, o publico fluminense terá ensejo de fazer justiça ao talento dramatico, que nelle revela seu estimavel autor.

(Do *Diario do Rio de Janeiro* de 19 de Abril de 1875.)

**Reunião litteraria.** --Aproveitando-se do descanso do dia de hontem, o talentoso tabellião o Sr. Pires Ferrão reuniu na sala de seu escriptorio, á rua do Rosario, um soffrivel numero de pessoas de sua amizade e muitas de nomeada litteraria.

Esta reunião, que foi abrilhantada com a presença de algumas senhoras, teve exclusivamente por fim a leitura de um drama da lavra desse bom amigo das letras patrias.

Intitula-se *Coração e Genio*; é uma bem desenvolvida e mag-nifica lição conjugal em 3 actos; demonstra exuberantemente que o escriptor conhece os segredos de escrever-se para a scena e tam-bem os costumes familiares do Rio de Janeiro. A acção passa-se no 1º acto em 1860 e tantos; no 2º e 3º cinco annos depois.

Antes de enectar a leitura desse bello trabalho, que muito o acredita como dramaturgo, agradeceu cordialmente ao auditorio a graça de acceder-lhe ao convite e passou a ler umas considerações preambulares, que explicam suas idéas sobre o theatro e a razão de ser do drama em questão.

Terminada a animada e intelligente leitura de todo este recom-mendavel trabalho, sinceros applausos de quantos a ouviram attes-taram ao Sr. Pires Ferrão que havia elle conseguido uma difficil victoria.

De feito, não só o movimento geral da acção tem verdadeiros lances dramaticos, mas tambem toda ella transpira o suave perfume da mais severa moralidade.

E' um drama de salão; educa ao mesmo tempo que deleita; dá sabias lições de prudencia ao mesmo tempo que frequentemente commove.

A extrema naturalidade com que fallam todos os personagens, cujos typos são sustentados com firmeza, contribue em muito para prender fixamente a attenção do auditorio.

.....  
A scena que referi é tão verdadeira como ter o Sr. tabellião Pires Ferrão feito nesse dia uma leitura de um bello drama de sua lavra.

Compareceram a essa reunião litteraria algumas senhoras e pessoas de reconhecido merecimento.

O drama *Coração e Genio* faz honra ao grande talento de seu autor. Não era possivel, no correr de tres actos, desenvolver-se melhor esta grande maxima:—entre conjuges toda a prudencia é pouca!

Tenho agora mesmo ante meus olhos estas palavras de Paulo Janet em seu livro *A familia*: «E' a desgraça triumpho e escola da mulher. Eis-ahi essa donzella, que perdestes de vista ha alguns annos: era nova, folgazã e frivola; encontra-a-heis hoje séria, sensata, desenganada, julgando maduramente os homens e as cousas: foi a desgraça que a fez assim!»

Inspirando-se nesta grande verdade, o Sr. Pires Ferrão apresentou-nos em seu magnifico trabalho um casal como tantos que conhecemos. O marido é prudente, é cumpridor de todos os seus deveres, e ama com carinho não só a mulher, que escolheu para companheira e com quem já vive ha alguns annos, mas tambem a seus filhos, por cujo futuro muito se interessa. A mulher é de bom intimo, mas assomada e caprichosa por máo habito.

Uma discussão, a proposito de haver esta precipitada e levemente despedido de casa uma orphã de procedimento exemplar, toma um character agigantado e separa durante cinco annos corações que se haviam ligado pelo laço indissolvel do matrimonio.

A scena é encaminhada com tanta arte que marido e mulher, embora de modo desculpavel, incorrem na mesma falta:—um pouco mais de prudencia, uma pequenina quebra no juramento de um e no capricho de outra, o adiamento da questão para o dia seguinte, para depois de ambos experimentarem o apaziguamento do somno, e ter se-hiam prevenido todas as calamidades do 2º e 3º actos!

Durante estes, durante os cinco annos, em que ninguem sabe noticias de Eduardo, «é a desgraça triumpho e escola da mulher.»

E' muito difficil escrever-se para theatro um drama de tanta naturalidade, de tanta lição pratica, de tanto fundo moral como esse que o talentoso amigo de nossas letras algum dia fará representar.

Trazendo para o palco composições tão recommendaveis, o publico aproveitará e o Rio de Janeiro talvez se liberte do inglorio reinado das magicas e palhaçadas.

(Do fôlhetim do *Diario do Rio de Janeiro*, de 25 de Abril de 1875.)

## AO LEITOR, OU ESPECTADOR

O presente drama é antes uma prova ou ensaio, do que a realisação de um pensamento, vasado em algum dos moldes da Litteratura Dramatica até hoje conhecidos.

Sem fallar dos primitivos tempos, em que o palco ou scena dramatica era apenas o lugar em que iam os poetas lèr os seus poemas, tem o theatro, nos paizes civilizados, passado por transformações bem sensíveis, apresentando as composições dramaticas, isto é, a respectiva litteratura, tres phases distinctas.

Foi a primeira dessas phases a dos tempos classicos, em que, para a tragedia, como para a comedia, unicos generos de composição dramatica então conhecidos, só eram aproveitados os factos historicos, sendo de preferencia escolhidos, principalmente para a tragedia, aquelles em que figuravam personagens nobres, ou de certa ordem.

Nesses tempos fallava-se mais aos sentidos do espectador do que á sua razão ou intelligencia; e, pois, mais pelo apparatus do scenario, e pelos atavios e apuro dos adereços e dos vestuarios dos actores, do que pela linguagem destes, buscava o dramaturgo interessar e prender a attenção do espectador.

Foram representantes dessa escola, em diversas épocas, Sophocles, Eschylo, Euripedes, Racine, Corneille e outros.

A esse periodo de puro classicismo, que se manteve durante seculos, seguiu-se o da escola *romantica*, em que tambem, mais do que á intelligencia ou razão, fallava-se á imaginação do espectador, buscando-se impressiona-lo com assumptos phantasiados e mesmo forçados e inverosímeis.

Crescendo de violencia em violencia, no desenvolvimento e nas peripecias, taes assumptos desfechavam, afinal, com o estrondo de uma catastrophe horrivel: — quasi sempre uma scena de morte, em que, começando pelo suicidio, ou pelo homicidio, chegava-se até ao parricidio, percorrendo-se assim toda a hedionda escala dos

crimes, para poder attrahir o espectador ávido de impressões, e cuja sensibilidade, embotada pelo inveterado habito de vêr com frequencia repetirem-se taes scenas de sangue, só desse modo podia ser saciada; até que acabava elle por familiarisar-se com essas exposições sanguinarias, a ponto de se tornarem mera distracção ou recreio, em nada aproveitando a lição ou moralidade do facto.

Assim desviado do seu fim principal e salutar, converteo-se, então, o theatro em perigosa escola de costumes para o povo que o frequentava.

Nesse periodo, sobresahiram: Schiller na Allemanha, Sheakspeare na Inglaterra, e seu imitador Ducis na França, onde tambem primaram n'um tal genero de composições dramaticas muitos outros, entre os quaes, e modernamente, Victor Hugo e Alexandre Dumas, e, em Portugal, Mendes Leal.

Até que, finalmente, inaugurou-se nos ultimos tempos a escola denominada *realista*, actualmente em vóga, e cujos adeptos se encarregaram de fazer a exposição ou exhibição de qualquer facto, na scena dramatica, com todo o seu colorido natural, isto é, como *realmente* se daria, ou poderia dar-se, na vida social, e na vida íntima da familia.

A' parte a inconveniencia com que pretendem alguns desses modernos escriptores expôr e commentar os vicios, no intuito de os corrigir ou castigar (como é dever do dramaturgo) por meio de *realidades* ás vezes difficeis de serem supportadas, e que repugnam até ao espectador de certa ordem, é sem duvida a escola *realista* a que mais pôde concorrer para os fins que com as composições dramaticas se tem em vista nas sociedades civilisadas; mas, é necessario que, acompanhando em tudo a natureza ou a indole de taes composições, o dramaturgo nunca se aparte então da *realidade* *provavel e razoavel*, assim no desenvolvimento da acção, como na exposição, e principalmente n'a linguagem dos actores: esta deve ser, respectivamente e sempre, a da condição, ou situação de cada um delles, e comprehensivel para a massa geral dos espectadores; porque o povo, a quem deve aproveitar a lição, principal-

mente entre nós, não se educa na leitura dos poemas, cuja linguagem, por isso, nem sempre comprehende.

« — A escola do povo, disse um moderno escriptor, não teve e nem tem por base a imaginação; o seu pedestal é a razão, a utilidade individual e social. »

De envólta com o recreio, deve o dramaturgo desenvolver a lição; mas, para que esta aproveite, convém que a torne o menos difficil e o mais agradavel possível.

Tambem a multiplicidade de episodios ou pequenos assumptos, que, enfeixando-se com o principal, em algumas dessas ultimas composições theatraes, constituem, por assim dizer, outros tantos dramas, muito embora afinal se prendam e concorram todos para um mesmo fim, é, a nosso vêr, inconveniente; porque, não só, repartindo a attenção do espectador, a distrahem do ponto objectivo, como tambem difficultam a lição aos que della mais precisam, fatigando-lhes o espirito, e aniquilando o interesse e a comprehensão do que de util e aproveitavel deve conter o drama.

No drama da escola realista, mais do que no de qualquer outra, deve ser rigorosamente observado o preceito de Horacio, quanto á *unidade de acção*; porém, quanto á *de tempo*, e mesmo á *de lugar*, tambem recommendadas pelo velho mestre, no drama moderno nem sempre poderá compatibilisar-se com a *acção real*, isto é, com a verdade dos factos dramaticos que se pretenda expôr e discutir no palco.

No presente nosso drama, por exemplo, fomos forçados a nos apartar desse preceito, no que diz respeito á *unidade de tempo*; e isso por ser necessario, e mesmo indispensavel, decorrerem alguns annos entre o 1.º e os 2.º e 3.º actos, para poder operar-se a transição nas condições de vida da infeliz familia; sendo a nova situação tomada em outra phase diversa, para assim, pela comparação, melhor se apreciar as consequencias da precipitação e violencia dictadas pelo genio de cada um dos dois desditosos conjugues.

Si esta infracção de regra constitue um erro, acreditamos que não será elle o maior dos do nosso drama; pois, como já alguém espiri-

tuosamente disse, vê-se que os velhos de agora já não comportam os rabichos e as cabelleiras empoadas dos passados tempos; e si ainda hoje vivesse Horacio, por certo que tambem não adoptaria um tal uso.

A simplicidade do enredo e a successão natural, suave e não forçada, de suas scenas, tambem devem constituir typos essenciaes da naturalidade ou *realidade* do drama moderno, e não impedem ou estorvam o agradável da surpresa, que devem algumas scenas causar para realce e animação do factio que praticamente se discute no palco: até assim se pôde e se deve conduzir melhor o espectador ao desenlace ou final catastrophe.

O drama da escola *realista* é, em nossa opinião, o mesmo *drama íntimo ou da familia*, que alguns entendem dever classificar tambem com este nome.

E', pois, o drama moderno ou de costumes o drama da familia e para a familia: pelo que, nesta, de preferencia a outras fontes ou mananciaes, deve-se ir buscar o assumpto que perante a grande familia civil, denominada *Sociedade*, tiver de ser discutido; — apontando-se os erros ou desvios no procedimento de cada um dos seus membros ou personagens —, o modo de evitar os ultimos e de corrigir os primeiros, e, principalmente, os resultados de que taes erros são origem, com relação à mesma *Sociedade* ou grande familia.

Finalmente, o theatro ou scena dramatica é hoje um verdadeiro gabinete anatomico, para onde são transportados os factos (reacções ou imaginarios, pouco importa, contanto que envolvam um interesse moral ou social qualquer) afim de ali serem autopsiados e estudados em suas relações com os bons principios que devem reger as sociedades civilisadas.

Foi assim pensando que entendemos dever ir buscar na familia o assumpto do presente drama, e desenvolvê-lo sem o menor esforço. isto é, o mais naturalmente possível, com toda a simplicidade ou *realidade*, não só quanto à acção ou enredo, como tambem quanto à linguagem de cada um dos personagens, que procuramos

accommodar ao estylo familiar proprio do paiz em que se passa a acção.

Não se pôde desconhecer que, comquanto em todo o Brazil se falle a lingua portugueza, não é esta já a mesma que se fallou e se falla ainda hoje em Portugal. Distineções bem notaveis se dão, que constituem o caracteristico da linguagem dos filhos de uma como dos da outra dessas duas nações, aliás irmãs pela origem e, portanto, pelo sangue; e isto se observa, ainda mais, na linguagem familiar ou peculiar da familia, que é a dos personagens do nosso drama.

Assim, principalmente nos dialogos, em Portugal falla-se quasi sempre na 2ª pessoa, emquanto que no Brazil geralmente se emprega a 3ª pessoa; supprimem-se constantemente os pronomes; repetem-se as negativas; etc., etc.

De proposito, e quanto pudemos, evitámos as muitas flôres de rethorica e as figuras ou imagens poeticas, por nos parecer isso mais proprio do romance do que do drama.

Deixámos o personagem fallar sempre com a sua habitual linguagem; quando muito, admittimos uma ou outra elevação de pensamento, ou de fórma, que nos pareceram autorisadas pelas situações respectivas.

Tambem evitámos a *realidade* apurada de certas scenas, que, quando expostas com toda a severidade ou fidelidade, invertendo o effeito que se tem em vista produzir, podem provocar mal cabida hilaridade, ou impressões de certa ordem, por mais de um motivo inconvenientes. — A droga ou medicamento, aliás de bom effeito, se não soffrer prévio e conveniente preparo ou modificação, e fór applicada tal qual é colhida na natureza, pôde, em vez de curar, produzir até a morte.

Quanto à peripecia final, attendendo a que é dever do dramaturgo, uma vez deslocada a pedra, deixal-a rolar até o ultimo plano, para assim mais aproveitar a lição, mostrando ao espectador o extremo resultado a que pôde conduzir o erro ou o vicio, tivemos primeiramente em vista fazer que morresse a protagonista e o marido

calouquecesse; mas, comquanto pudesse um tal desenlace *realmente* dar-se, pareceu-nos elle por demais romantico, e por isso contrario aos principios da escola a que filiamos o nosso drama; sendo que, além disso, o castigo se tornaria em extremo violento e injusto, em relação aos filhos, que assim perderiam immerecidamente seus paes, co-participando das tribulações de uma tal punição; e então, preferimos confiar a solução do problema á Clemencia Divina, invocada pelo espirito religioso, que a todos os personagens domina, e principalmente a victima arrependida; pois, como tal póde esta afinal apresentar-se para ser julgada perante o Tribunal infallivel de Deos, por isso que, nem foi o seu erro dictado pelo coração, nem praticado intencionalmente; e, antes, sim, reconhecido e reprovado pela propria consciencia e quando tem a criminoso sido já então sufficientemente castigada.

Eis aqui explicados a origem ou a razão de ser deste drama, e o modo, um tanto extranho, e mesmo singular, por que entendemos dever desenvolvê-lo.

Teremos prehenchido a nossa missão, e satisfeito o fim que tivemos em vista? Di-lo-hão os que, imparcial e desprevenidamente, depois de o lèrem, ou de o vèrem representar, nos julgarem.

Agora quanto aos personagens.

Eduardo e Luiza, collocados no primeiro plano, constituem os elementos essenciaes do drama: escusado é, portanto, fallar da existencia ou criação de cada um delles.

No segundo plano estão Candinha e Carlos, typos de singeleza e ingenuidade, ainda alheios ás lutas interesseiras e egoisticas do mundo, e que, como Sentinellas da Justiça Divina, devem velar no cumprimento da sentença, protegendo, ao mesmo tempo, a existencia dos réos na penitenciaria da vida, onde expiam o castigo do seu erro, para, regenerados, irem receber no Céu a absolvição e a recompensa dos que sabem arrepender-se.

No mesmo plano fizemos destacar o vulto prestimoso e respeitavel do Dr. Leopoldino de Castro, homem reflectido e virtuoso, que, collocado entre o Juiz Supremo e os dous sentenciados, por

estes implora tambem á Aquelle, attenuando os padecimentos da infeliz esposa, e confortando-a com suas consolações e bons conselhos.

Ainda no segundo plano está Josepha, personagem que julgamos á proposito alli collocar, para tambem della originar-se o assumpto ou entrecho; pelo que deve interessar o espectador, pelas boas qualidades de sua alma e pelos elevados dotes do seu coração.

E', finalmente, Antonico o personagem que occupa o ultimo plano, e com cuja extravagante maneira de pensar (si é que pensa) e de proceder, entendemos dever formar a parte comica do drama. Com elle buscamos matizar o fundo negro do quadro, para torna-lo assim menos carregado, produzindo continuas diversões no espirito do espectador, e ajudando-o por esse modo a supportar o que de grave e impressionavel tem o assumpto, que possa fatigar-lhe os sentimentos postos em jogo pelas scenas *raes* e commovedoras da vida dos infelizes esposos.

Antonico é, portanto, um ente sem outra razão de ser mais do que a que fica apontada: — não tem fim, como não teve principio.

Satisfazendo o desejo e pedido de alguns amigos, que viram representar esta nossa desprerenciosa producção uma unica vez (em 1870) em o theatrinho do *Gremio Dramatico Juvenil de Botafogo*, para o qual foi expressamente escripta, abrimos mão della agora, para entrega-la á apreciação e julgamento de mais algumas pessoas, no intuito, apenas, de assim corresponder ao favor daquelles amigos, e tambem para mais vulgarisar a exposição, que, entendem elles, poder, como lição, aproveitar aos casados. Si conseguirmos este fim, julgar-nos-hemos felizes, pela utilidade, ao menos, que assim revelará o nosso trabalho; si não, recolher-nos-hemos silenciosos á nossa obscuridade, para não mais apouquermos espectadores ou leitores com outras iguaes e mal cabidas impertinencias.

Vale!

1876 — Julho.

M. H. PIRES FERRÃO.

## DEDICATORIA

### A'S MINHAS FILHAS

O estremecido amor que tão merecidamente vos consagro, e o interesse que naturalmente devo ter, e tenho, pelo vosso futuro, mandam que vos dedique este meu livro.

Creança, menina e moça, sereis tambem um dia esposa e mãe; e comquanto as lições e o exemplo maternos muito vos devam aproveitar, nada perdereis lendo as paginas que se seguem, e sobre ellas meditando. Vosso pai as copiou do grande livro da vida, que apenas podeis soletrar por óra.

Fazei por lê-las e por comprehendê-las, e aprendereis que—  
*quando chega o arrependimento, começa a expiação.*—

Eu vos abençôo, minhas filhas! Que Deus vos abençôe tambem, e vos ajude a comprehender a lição que este drama encerra e que poderá concorrer para que sejaes tão felizes quanto o ambiciona e ardentemente deseja

Vosso pai  
M. H. PIRES FERRÃO.

## PERSONAGENS

<b>Eduardo</b> , empregado publico.....	40 e 50 annos.
<b>Luiza</b> , sua mulher.....	35 e 40 »
<b>Carlos</b> , estudante } .....	18 e 23 »
<b>Gandinha</b> , } filhos dos mesmos .....	13 e 18 »
<b>Joseph</b> a, pupila de Eduardo e de Luiza.....	30 e 35 »
<b>Dr. Leopoldino de Castro</b> , medico.....	50 e 55 »
<b>Antonico</b> , seu filho.....	20 e 25 »

A acção passa-se no Rio de Janeiro, o 1º acto em 1865 e os 2.  
e 3º em 1870.



## DENOMINAÇÃO DOS ACTOS

1º

O capricho e o máo genio preponderam, dictam o erro.

2º

Expição e arrependimento — o coração domina e castiga.

3º

Só Deos os póde salvar !

---

Assim, ó Virgem,  
Nos teus encantos  
Tens o garante  
De mil quebrantos :  
Ai l vê que os risos  
Trocam-se em prantos !...

(Interrompendo o canto e o trabalho, e mostrando está a Josepha), Desta vez parece que acertei com o ponto; não ?...

JOSEPHA (Vendo; porém, sem pegar no trabalho que Candinha lhe mostra).— Está bom, sim, senhora.

CANDINHA.— Com effeito !... Com que modo disse você este—*está bom* !... Nem, ao menos, tem um agrado para animar a gente !...

JOSEPHA.— Si eu também preciso de animo, como é que o hei de dar aos outros ?

CANDINHA.— Pois, devéras, está hoje tão desanimada assim ? (Deixando o trabalho, e aproximando-se de Josepha). Mas... agora vejo... está com olhos de quem chorou !... (Com meiguice) Ora, vamos ; me conte o que tem...—Fui eu quem a fez ficar zangada ?... Você tem-me acostumado por maneira tal com o seu bom modo e carinho, Josepha, que, quando elles me faltam, extranho...

JOSEPHA (Deixando a costura, levantando-se, e abraçando Candinha).— Que Anjo, que a senhora é !... (Caminham ambas para a frente da scena) Não; eu não sou capaz de me zangar com Vmê.—A Senhora D. Luiza amanheceu hoje mais aborrecida ainda do que tem estado estes dias ; ralhou commigo, sem ter

razão, e bem sabe que a gente dóe-se... Não é com a senhora ; não. (Abraça de novo Candinha.)

CANDINHA.— Ah ! isto é outro caso !... Mas, também eu não quero que você fique zangada com mamãe ; já ouviu ?... Ella é sua amiga. Tem aquelle genio... ralha ás vezes de mais com a gente, e por qualquer cousa ; porém, em lhe passando a raiva, coitada ! fica logo outra, e mette todos no coração.—Você já a conhece.

JOSEPHA.— Oh ! coração tem ella !... Eu que o diga, que ainda ha pouco tempo, estando bem mal, tive-a á minha cabeceira sempre, dia e noute, tratando-me com um desvelo tal, que não o teria maior minha mãe, si ainda vivesse !...

CANDINHA.— Pois, sim; pagou-lhe na mesma moeda; porque você também fez o mesmo quando ella esteve doente. São, portanto, duas amigas, e duas amigas não devem brigar por qualquer cousa.

JOSEPHA.— Brigar com ella ? !... Oh ! eu não sou capaz de tal !... Conheço o meu logar, e, além disso, sei quanto lhe devo pelo agasalho que me dá em sua casa, desde que minha mãe morreu. O que sinto é não poder, pela minha condição e pobreza, dar-lhe, e a seus filhos, uma melhor prova do meu reconhecimento e gratidão.

CANDINHA.— Deixe-se disso.—Mamãe, nem nós, precisamos de outras provas, além das que já você nos tem dado. Olhe: seja sempre nossa amiga, como até hoje tem sido, que nós todos também sempre lhe havemos de querer muito, e viveremos assim satisfeitos.—E' preciso não se affligir tanto com o genio de mamãe.

JOSEPHA. — Mas, por ultimo, D. Candinha, sem que eu lhe tenha dado o menor motivo (ao menos não me accusa a consciencia) gerou-se nella uma indisposição para commigo, que nada pó le vencer ; e, então, antes que me faça alguma desfeita, tenho pensado em me despedir... em ir-me embora ; com quanto muito me custe deixal-a, e a Vmce. tambem!... (*Enchuga os olhos*).

CANDINHA. — Ir-se embora?!... Que lembrança!... Não pense nisso, Josepha!...

JOSEPHA. — Tenho visto que é o que de mais prudente posso fazer.

SCENA II

As precedentes e o DR. LEOPOLDINO DE CASTRO, que, entrando pelo fundo e sem ser visto, tem ido collocar o chapéo e a bengala sobre uma cadeira.

DR. LEOPOLDINO (*A Josepha*). — Não, senhora; o que de mais prudente pó le fazer, é não contrariar a vontade desta menina. (*Dirige-se para Candinha.*)

CANDINHA (*Voltando-se para o Doutor*). — Oh! Titio!... Estava aqui?... (*Beija-lhe a mão*).

JOSEPHA (*Ao Dr. Leopoldino*)... — Bons dias, Senhor Doutor.

DR. LEOPOLDINO (*Abençoando Candinha*). — Deos a abençoê, e a faça tão feliz como merece. (*A Josepha*) Adeus, Josepha. Então, o que é isto que está resolvida a fazer com prudencia?...

CANDINHA. — Quer deixar-nos, Titio....

DR. LEOPOLDINO. — Qual!... Isto ha de ser alguma experiencia, a que quer submitter a tua amizade para com ella.

JOSEPHA. — Antes fôsse, Senhor Doutor; mas, infelizmente, a verdade é que preciso e devo sahir desta casa, e quanto antes.

DR. LEOPOLDINO. — Mas, houve então alguma novidade com a sua pessoa?...

CANDINHA. — Houve, Titio ; daquellas que todos os dias se dão, com o genio de mamãe.

DR. LEOPOLDINO. — Ora!... (*A Josepha*). Por isso não vale a pena dar cavaco... Já se sabe : estão mais uma vez arrufadas, não é assim?... Pois, não se adiante muito com o seu novo projecto, que daqui a pouco ha de tê-la perto de si, arrependida e pedindo desculpa. Quem lhe conhece o coração, não se importa com o genio que ella tem.

JOSEPHA. — Receio muito, Senhor Doutor, alguma das suas maiores explosões, e é meu dever evita-la.

DR. LEOPOLDINO (*com ar brincalhão*). — Ora, qual!... Nossa Senhora da Paz ha de se metter no meio. (*A Candinha, mudando de tom*). Aonde está esta gente?... Quero saber como passam....

CANDINHA. — Todos bons, obrigada. — Papae está na Repartição, para aonde foi hoje ainda mais cedo que de costume.

DR. LEOPOLDINO. — Faz elle muito bem : assim é que se ganham a posição e as vantagens que tem sabido grangear, como bom empregado.

CANDINHA. — Mamãe está lá dentro, e Nhonhô ainda não veio da Academia.

DR. LEOPOLDINO. — Bem ; vou ter com sua mãe, para depois ir vêr ainda alguns doentes : na volta passarei novamente por aqui. — (*Dirige-se para a ca-*

deira em que deixou o chapéo e a bengala e toma estes.  
—Candinha e Josepha sentam-se de novo a trabalhar.)

SCENA III

Os precedentes e CARLOS, que, entrando pelo fundo, encontra-se com o Doutor, e beija-lhe a mão.

DR. LEOPOLDINO. — Oh ! senhor Estudante !... De volta, tão cedo ! Então ?... Houve hoje sabbatina ?

CARLOS. — Não, senhor.

DR. LEOPOLDINO. — E como vamos nós de caloi-rismo ?...

CARLOS. — Muito bem. — Meu tio bem sabe que o caloiro póde fazer-se respeitar.

DR. LEOPOLDINO. — E estimar, que é o que lhe ha de ter acontecido. — Vamos ; quero vê-lo já formado, para entregar-lhe os meus doentes.

CARLOS. — Não será por falta de vontade e esforços da minha parte, que isso não se realizará, meu Tio.

DR. LEOPOLDINO. — Sei... sei. — E a prova é que você já tem feito muito. Eu na sua idade estava menos adiantado. (*Dispondo-se para entrar*). — Está bom ; deixem-me ir vêr sua mãe. (*Entra.*)

SCENA IV

Os precedentes, menos o DR. LEOPOLDINO DE CASTRO.

CANDINHA. — Então, Nhonhô, ja sabe que Josepha quer se ir embora : deixar-nos por uma vez ?...

CARLOS. — Está brincando comtigo.....

CANDINHA. — Não, é verdade. Como mamãe zangou-se muito com ella hoje, diz que vae-se embora.

CARLOS (*A Josepha*). — Devéras, Josepha, queres deixar-nos ?... Tens animo para isso ?...

JOSEPHA. — Que remedio, Sr. Carlinhos... Assim é preciso.

CARLOS. — Então, nem mesmo Candinha e eu lhe pedindo, você muda de resolução ?

(*Candinha e Josepha levantam-se.*)

JOSEPHA. — Pois, não é melhor que eu me retire antes que soffra alguma desfeita ?... A Sra. D. Luiza zangou-se hoje de mais commigo !

CARLOS. — Mas, você já não a conhece ?... D'aqui ha pouco está de pazes feitas...

CANDINHA. — Titio Doutor já lhe disse isso mesmo...

CARLOS. — Pois, que duvida !... E' preciso não conhecê-la, para tomar ao sério as explosões do seu genio !

JOSEPHA. — Vmcês. são filhos... devem desculpa-la...

CANDINHA (*Para Josepha*). — Por isso, não ; se nós somos filhos, você é uma amiga...

JOSEPHA. — Quando sua mãi se enche de raiva, Sr. Carlinhos, fica inteiramente cega ; não conhece ninguém !

CANDINHA (*A Carlos, com tristeza*). — E' escusado ; já se vê que para Josepha é indifferente o deixar-me. (*Chora.*)

JOSEPHA (*Abalada*).— Esta D. Candinha !... (*Mudando repentinamente de tom*) Pois bem ; não fal-  
ficar outra... Sim ; confesso que mudei de resolução.  
Passou tudo. E, para prova, não será D. Luiza quem  
virá procurar-me ; mas, eu, que agora mesmo irei so-  
licitar-lhe o meu perdão. Vou receber as suas ordens,  
e ajuda-la no serviço da casa. (*Vae entrar, e Carlos a  
detém, tomando-a pela mão.*)

CARLOS.— Vae, bôa Josepha ; vae ; e nós, por mais  
uma razão, ser-te-hemos gratos.

CANDINHA (*Abraçando Josepha*).— Dá-me um abra-  
ço, minha Josepha. Oh ! quanto se faz você estimar  
com este procedimento !...

JOSEPHA (*Abraçando Candinha*).— Não quizesse eu  
tanto bem aos senhores todos !... (*Entra pelo fundo.*)

SCENA V

Os precedentes, menos JOSEPHA

CARLOS.— Que bôa alma tem esta moça !...

CANDINHA.— E que bellos sentimentos !... Tem  
razão, coitada !... Mamãe, ás vezes, zanga-se de mais  
com ella !...

CARLOS.— Com effeito, ha alguns dias, principal-  
mente, noto certa indisposição de nossa mãe para com  
ella.

CANDINHA.— E eu tambem.

CARLOS.— Não sei, minha irmã, como uma moça  
no caso de Josepha, pobre sim, mas com bastante

educação, e que, pelas muitas habilidades que tem,  
é tão desejada por outras familias, sujeita-se a tra-  
balhar tanto em nossa casa, e a soffrer o genio de  
nossa mãe, sem outra vantagem mais que a de viver  
comnosco.

CANDINHA.— Por isso, não : ella não é interes-  
seira. De mais, sendo pobre, aqui nada lhe falta,  
graças a Deos, e ella sabe que póde contar com a pro-  
tecção de papae e de mamãe, que a estimam de véras ;  
entretanto que, na companhia de qualquer outra fa-  
milia, talvez não encontre tudo isso.

CARLOS.— Discorres com muito acerto, minha irmã,  
e eu folgo de ouvir-te ; porém, nem sempre se sabe,  
ou se póde pensar assim ; e então, ainda, talvez, um  
dia venhamos a ficar sem Josepha ; o que eu muito  
hei de sentir, principalmente por causa de você, a  
quem ella faz tão bôa companhia, e presta tão bons  
serviços.

CANDINHA.— Oh ! é uma amiga dedicada... uma  
bôa conselheira, que tenho sempre a meu lado, e  
muito hei de sentir perdê-la !...

SCENA VI

Os precedentes e ANTONICO, que entra pela D. A., trajando exage-  
radamente à moda, de luvas, *pince-nez*, e com um chicotinho de  
cavallo na mão.

ANTONICO.— E' preciso ser um caipóra muito  
grande !... Sim ; sou muito infeliz !... (*Atira o cha-  
péo sobre uma cadeira e senta-se em outra, apoiando  
a cabeça sobre a mão direita.*)

CARLOS (*Vendo Antonico e dirigindo-se para elle*).—  
Oh !... como estás, Antonico ?... O que é isto ?...

CANDINHA (*Idem*).— O que é que tem, primo Antonico ?...

ANTONICO (*Levantando a cabeça, com ar abatido, e olhando para os dous*).— Como está, prima ?... Como vás, Carlinhos ?... Como está minha Tia ?...

CANDINHA.— Estamos todos bons, graças a Deos. Mas, o que é que o primo tem, que está tão zangado e triste ?...

ANTONICO.— Ah ! prima !... Tenho o espirito e o corpo abatidos, e até estou receiando um ataque de cabeça !...

CANDINHA (*Assustada*).— Nossa Senhora !... Não diga isso !...

CARLOS.— Mas o que é que te poz nesse estado ?... Algum desgosto ? !...

ANTONICO.— O maior que eu podia ter !...

CANDINHA (*Como acima*).— Meu Deos !...

CARLOS.— Demittiram-te ? !...

ANTONICO (*sorrindo-se*).— Ora !... Isso nunca seria para mim um motivo de desgosto !...

CANDINHA.— Não falle assim, meu primo !...

(*Durante esta scena, Candinha, trabalhando sempre, senta-se e levanta-se por vezes, e tambem Carlos e Antonico.*)

ANTONICO.— Que duvida ! Era o unico meio de me ver livre da maldicta Repartição, já que meu pae não quer que eu peça demissão.

CANDINHA.— Mas, era muito feio !...

ANTONICO.— Qual, prima ! Feio é uma pessoa, como eu, servir por pouco dinheiro a muitos senhores, cada um dos quaes é um malcriado e exigente de fazer perder a paciencia. (*Levanta-se.*) Olhe :—o homem nasceu livre, e livre deve morrer... (*A Carlos*) Não é assim, primo Carlos ?... (*Carlos sorri-se.*) Pois, bem ; nas Repartições Publicas entende-se ao contrario ; e só porque o empregado prefere, ás vezes, a hygiene de um bom passeio á cavallo, em bonito dia, á inconveniente massada de aturar Chefe e Partes, desde as 9 horas da manhã até ás 3 da tarde, marca-se-lhe ponto ; desconta-se-lhe o ordenado ; por meio de informações reservadas, faz-se passar o infeliz por um vadio ; e, pelo menos, se tem soffríveis empenhos, como eu, fica o pobre diabo marcando passos toda a vida no mesmo Emprego. Por isso, bem faz o primo Carlos, que está se preparando para uma vida livre e independente !...

CARLOS.— Pois, tambem hei de ter senhores, meu primo ; e hei de tê-los sempre, quer queira, quer não. Pensas, então, que o medico não está sujeito a ninguém ?...

ANTONICO.— Pelo menos, não tem Chefe, nem ponto, nem desconto de ordenado, nem demissão !...

CARLOS.— Enganas-te, Antonico. Não ha na Sociedade posição absolutamente livre e independente. Você, como Empregado Publico, só depende do seu chefe, e só é obrigado a fazer o que elle lhe manda ; eu, porém, quando for medico, hei de estar ás ordens de todo o mundo ; do pobre, como do rico ; do grande, como do pequeno ; cada qual terá o direito de dispôr da minha pessoa, de dia, como de noute, no dia santo, como no de serviço ; e, ai de mim, se me

não prestar a acudir logo ao chamado de qualquer!... Todos se julgarão com o direito de censurar-me, de reprehender-me publicamente; e o menos que poderá acontecer-me será ficar desacreditado, sem clinica, e, portanto, sem pão para viver. — Vê, pois, si terei também, ou não, Chefe, descontos e demissão!

CANDINHA (A Antonico). — Na verdade, primo Antonico, encarada assim, a sua vida é até muito mais livre e independente.

ANTONICO. — Sinto muito; mas, desta vez não concordo com os meus caros primos.

CARLOS. — Tens o exemplo em teu pai mesmo, meu tio, que é medico. Quantas vezes não o terás tu ouvido dizer que a sua vida é peor que a do negro captivo?...

ANTONICO. — Mas, isso é também porque elle mata-se demais. Está sempre prompto para todas as massadas, e então abusam da sua bondade.

CARLOS. — Não; é porque elle comprehende e sabe cumprir os deveres do verdadeiro medico.

CANDINHA. — Mas, primo Antonico; papae também é Empregado Publico, como você, e não se queixa, nem lamenta por esse modo a sua condição.

ANTONICO. — Ah! sim!... Meu tio está n'um dos ultimos poleiros: falla de cima!... A sua posição é muito differente da minha!

CARLOS. — Mas, já estive na tua posição: sabes que elle também começou por Practicante de uma Repartição Publica.

ANTONICO. — Pois, sim; é que o Tio Eduardo nasceu para ser Empregado Publico, como... como eu nasci para andar á cavallo....

CARLOS (Rindo-se, dparte). — Já tardava!... (A Antonico). Com a differença: que elle tem sabido segurar-se nos Empregos, e você já tem cahido de cavallos não menos de uma duzia de vezes.

ANTONICO. — Aliás, duzia e meia: pôde accrescentar meia duzia....

CANDINHA. — Pois, tantas vezes assim?!...

ANTONICO. — Exactamente: dezoito, contadinhas; quebrando a perna duas vezes, uma vez o braço, e sete vezes a cabeça, além de varios arranhões e esfoladuras, que não vale a pena mencionar.

CARLOS. — E nem assim desististe ainda dessa mania de cavallos?!...

ANTONICO (Alterado). — Alto lá, senhor primo!... Veja como falla!... Mania de cavallos, não; porque eu não sou cavallo!...

CARLOS. — Essa é bôa!... Quando eu digo mania de cavallos, está claro que me refiro á predilecção, ao gosto que você tem por elles....

ANTONICO. — Ah! isto é outro caso!...

CANDINHA. — Mas, primo Antonico; á vista de tantas quedas, que tem dado, si eu fôra você, não montava mais á cavallo.

ANTONICO. — Pelo contrario, prima; si eu pudesse, andaria toda a minha vida á cavallo!... (Com transicção). Mas... é verdade!... Não fallamos mais no ataque cerebral, de que estive e ainda estou ameaçado!... E' assim que se interessam por mim?!...

CANDINHA. — E' que o primo mesmo não se lem-

brava mais delle.— Creio que melhorou muito, si já não está de todo bom....

CARLOS (a Antonico).— Digo-te, sinceramente, que nunca acreditei que tivesses, ou possas vir a ter, um ataque cerebral...

ANTONICO.— E porque ? !...

CARLOS.— Porque, para acreditar-se em uma molestia qualquer, é preciso, antes de tudo, admittir-se a existencia do orgão em que ella possá ter a sua séde. Ora, eu não admitto que tu tenhas cabeça...

ANTONICO.— Com effeito, senhor primo !... Esta é forte !... Então o senhor não admite que eu tenha isto, que, aliás, está vendo aqui ?... (Aponta para a cabeça.)

CARLOS.— Não ; si tivesses cabeça, já terias reformado o teu modo de pensar. Pelo menos, terias deixado essa triste mania dos cavallós.... quero dizer, essa louca paixão por elles...

ANTONICO.— Pois, a prova de que tenho cabeça é que elles mesmos m'a teem quebrado sete vezes, como já disse ; e nem por isso deixo de lhes votar essa paixão que você tanto censura. (Com enthusiasmo) — Oh ! sim !... Uma paixão sem limites !... abraçadora !... quasi louca !...

CARLOS (interrompendo).— Apoiado !... louca !... E' isso mesmo !...

ANTONICO (Continuando, em outro tom).— Mas sou, decididamente, muito infeliz !... O baio, morreu de mórmo ; o rozilho, de um esparvão ; o ruço queimado, de um aguamento ; e agora, o pampa está com os peitos abertos !... (Afflicto e com explosão). Oh !

sim !... o meu pampa, o meu querido pampa, não pôde escapar !... Quanto sou infeliz !... (Deixa-se cahir sobre uma cadeira.)

CANDINHA (asustada, correndo para junto de Antonico).— Primo Antonico ; não se afflija assim, que pôde vir-lhe o ataque !...

CARLOS (a Candinha).— Não te assustes ; isso mesmo é que é o ataque : não ha outro a receiar. (Aparte).— Parece incrivel que um tal assumpto possa, por semelhante modo, preoccupar um homem !... (Dirigindo-se á Antonico). Mas, vamos ; então por isso é que estás ameaçado do ataque ?...

ANTONICO.— E não acha sufficiente o motivo ?... Ah ! é porque você, primo Carlos, ainda não é medico ; quando fôr, saberá que as causas moraes influem no nosso organismo, tanto ou mais do que as physicas !... Oh !... um desgosto como este pôde matar um homem !... Digo-te francamente : antes quizera que elle me atirasse no chão outras dezoito vezes !...

CARLOS.— Quem ? O teu organismo, ou o teu desgosto ?...

ANTONICO.— Não ; o meu pampa !... (Formalizado).— Não brinque, primo Carlos !... Eu estou falando seriamente !...

CARLOS.— Não parece....

ANTONICO.— De mais a mais, estou compromettido a correr, daqui a alguns dias, com o baio do filho do Commendador Santos, e...

CANDINHA (interrompendo, com admiração e ingenuidade).— Mas, então o primo é quem vae correr com esse cavallo ? !...



CARLOS (*r'ndo-se*). — Essa agora é melhor .... (*A Candinha*). — Olha que o Antonico é desconfiado....

ANTONICO (*A Candinha*). — Deixe-o fallar, prima; eu não desconfio com você, porque sei que não entende destas cousas. — Além disso, já não é a primeira pessoa que me confunde ou toma-me assim pelo meu cavallo....

CARLOS. — Com effeito!... E lisongeia-se com isso?...

ANTONICO (*a Carlos*). — Quero dizer, que me toma por quem vai ou deve correr, litteralmente fallando. (*A Candinha*) Não, prima; na linguagem hypica ou equestre, correr, neste caso, fallando do cavalleiro, não quer dizer andar com os proprios pés e apressadamente, para acompanhar outro cavallo...

CARLOS (*interrompendo*). — Temos outra!... (*A Antonico*) E' melhor não continuares com a explicação, Antonico; olha que, a despeito da tua eloquencia e erudicção na materia, cada vez te compromettes mais!...

ANTONICO (*zangado, a Carlos*) — Porque o senhor está sempre disposto a interpretar mal as minhas palavras!... (*Formalisado*) E' preciso não abusar tanto da minha bondade, Sr. Carlos!...

CARLOS. — Adeos!... Ahi temos o homem já desconfiado!...

ANTONICO (*Como acima*). — E' preciso não tomar-me assim á sua conta!...

CANDINHA (*intervindo*). — Não dê cavaco, primo Antonico; elle está brincando.

ANTONICO (*como acima*). — Sim; mas eu não sou brinquedo de ninguem!... O primo Carlos tem-se em conta de um sabichão, e, então, assenta que me póde metter á ridiculo!...

CARLOS. — Está bom; tens razão. Desconfiado, como és, ha muito já que eu não devêra brincar contigo. Entretanto, parece que entre dous parentes e amigos...

ANTONICO (*com ar de importancia*). — Deve haver sempre muito respeito!...

CARLOS (*com reverencia affectada*). — Oh! senhor!... respeito-o, e até muito!... (*Com intenção*). E por mais de um motivo... póde estar certo disso!... (*Mudando de tom*) Porém, não seja eu causa do ataque que esperas; mudemos de conversa.

CANDINHA. — E eu vou preparar as minhas lições de piano e de desenho para hoje.

CARLOS (*d Candinha*). — E as de francez e de inglez? Estão promptas?...

CANDINHA (*d Carlos*). — Como são para amanhã, estudaremos logo juntos. (*Aos dous*) Adeus. Não briguem, ouviram? (*Vai collocar na cesta os arranjos com que trabalhava*).

ANTONICO (*sempre formalisado*). — Eu cá não brigo com pessoa alguma: não gosto que se faça pouco em mim!...

CARLOS (*d Antonico*). — Deixa-te disso, Antonico; você me conhece, e sabe que eu não sou capaz de fazer pouco em ninguem.

CANDINHA (*Com a cesta na mão, dirigindo-se aos dous*). — Pois, sim; está dada a explicação. Agora não fallem mais nisso. (*d Antonico*) Adeus, primo Antonico.

ANTONICO (*Apertando a mão de Candinha*). — Adeos, Prima. Eu tambem vou vêr o meu doente. (*Candinha entra*).

SCENA VII

CARLOS e ANTONICO

— ANTONICO (*a Carlos*). — Senhor Doutor, estou o  
comprimentando.

CARLOS (*apertando a mão de Antonico*). — Adeos,  
senhor cavaquista. Nem por isso deixarei de ser  
sempre o mesmo, como dizem os namorados.

ANTONICO. — Estou ás suas ordens. (*d parte, em  
outro tom.*) Como terá passado o meu pobre pampa?...  
Vamos vê-lo. — Ah! falta-me o animo; sinão,  
outro não seria o seu enfermeiro!... (*Vae-se pela  
D. A. — Ouvem-se os sons do piano em que Candinha  
estuda, os quaes continúam por algum tempo.*)

SCENA VIII

CARLOS, só

CARLOS. — Pobre rapaz!... E nisto gasta todo o  
tempo, que podia e devia empregar utilmente em  
alguma cousa proveitosa!... Bem diz meu Tio que  
já perdeu toda a esperança de fazer deste filho um  
homem!... Entretanto que não lhe faltam habilita-  
ções para isso; pois, tem intelligencia, e essa sufficien-  
temente cultivada. — Meu Deos!... Como se póde  
viver sem uma ambição de futuro?!... Nascer para  
andar á cavallo!... Na verdade, não ha condição  
mais infeliz!... Está no caso de invejar o quadrupede  
em que monta, porque esse, ao menos, cumpre uma  
missão neste mundo: a de carrega-lo. E fazer consis-  
tir em tal a sua felicidade!... E' verdade que isso de  
felicidade é relativo...

SCENA IX

CARLOS, JOSEPHA e o DR. LEOPOLDINO. — (*Este atravessa do fundo  
para a D. A.*)

DR. LEOPOLDINO. — Adeos, Carlos.

CARLOS. — Até logo, meu Tio.

JOSEPHA. — Senhor Carlinhos; sua mãe procura-o,  
e extranha que Vmcê., tendo chegado d'Academia,  
ainda não lhe fôsse fallar.

CARLOS. — E' verdade, Josepha; distrahi-me por  
modo tal com as asneiras do Antonico, que me es-  
queci, ou, pelo menos, demorei-me em cumprir esse  
dever.

JOSEPHA. — Pois, não se demore mais. Vá vê-la e  
tomar-lhe a benção.

CARLOS. — Sim; eu vou. — Porém, diga-me: você  
já se reconciliou com ella?... Estão feitas as pazes?...

JOSEPHA. — O senhor bem sabe que isso é sempre  
mais facil em mim do que nella. Comtudo, estivemos  
juntas agora, e não se fallou mais nisso.

CARLOS. — Bom; estimo muito: é já uma prova de  
reconciliação. Você deve ter paciencia com ella, Jo-  
sepha!

JOSEPHA. — Pois, mais do que eu tenho?!...

CARLOS. — Sei quanta tem tido; porém, toda é  
pouca. Ella é boa, Josepha; mesmo muito boa, e sua  
amiga. Eu não digo isso por ser seu filho, e ama-la  
como devo: todos reconhecem esta verdade.

JOSEPHA. — E eu sou a primeira: a prova é que  
quebro sempre por mim.

CARLOS. — Pois, sim; e, por isso, cada vez tenho mais amizade á Você. (*Luiza apparece na porta do fundo, e, mostrando-se indignada, recúa para ouvir o resto da conversa dos dous.*) Olhe: póde contar que hoje e sempre hei de fazer por Você tudo quanto puder.

JOSEPHA (*Com modestia e acanhamento*). — Quem sou eu para merecer isso, senhor Carlinhos? Entretanto, não dispenso a sua amizade e favôres. O senhor não ignora quanto o estimo tambem.

CARLOS (*Com reconhecimento e carinho, tomando as mãos de Josepha*). — Sei, minha Josepha; e pódes estar certa de que hei de corresponder sempre!...

### SCENA X

CARLOS, JOSEPHA e LUIZA, que, repentinamente, com physionomia alterada, e fóra de si, entra em scena, precipitando-se entre Carlos e Josepha, e separando-os com violencia.

JOSEPHA (*recuando, empurrada por Luiza, e cobrindo o rosto com as mãos.*) — Ah!!...

LUIZA. — Basta de escandalo, senhores namorados!!...

CARLOS. — Minha Mãe!...

LUIZA. — Sim; sou eu!... A dona da casa, que tem direito á sêr respeitada por seu filho e pela sua hospede e pupilla!... Era isso mesmo o que eu previa, ou antes, o que eu já sabia!... (*Contemplando, primeiro Carlos, e depois Josepha.*) Ora, pois!... O meu filho amando a minha creada!...

CARLOS. — Minha Mãe, que ideia faz de seu filho?!

JOSEPHA. — Senhora Dona Luiza, eu lhe juro que...

LUIZA (*Sempre fóra de si.*) — Nem uma palavra quero ouvir... (*para Josepha*) de ti, seductora, (*para Carlos*) como de Vmcê. tambem, Sr. conquistador!...

CARLOS. — Si me dá licença, eu explico-me, minha mãe...

LUIZA (*enfurecida.*) — Sáe da minha presença!... sáe!...

CARLOS. — Obedeço. (*Vae beijar a mão de Luiza, e esta lh'a recuza.*) Por quem é, minha mãe... (*Com resignação.*) Paciencia!...

LUIZA. — Não tem direito á minha benção um filho que se porta de semelhante maneira em minha casa!... Tê-la-hia recebido antes, si, como devia, fôsse vêr-me logo que chegou, e não tivesse ficado aqui entretido com o seu namôro!...

CARLOS. — Mas, eu...

LUIZA. — Cale-se!... tenho dito!... (*Carlos abaixa a cabeça, e retira-se triste e afflicto.*)

### SCENA XI

LUIZA e JOSEPHA

LUIZA. — Ora pois!... uma creança!... Mas, não é elle á quem accuso; a culpada está ali: (*aponta para Josepha*) é aquella!... Uma pobre e desvalida orphã, que já se julga com direito á conquistar o coração de meu filho, para assim mesclar-se com uma familia decente!...

JOSEPHA (*Que durante o que se tem passado, se*

conservou d um lado, chorando sempre, ao ouvir as ultimas palavras de Luiza, faz um esforço, enchuga as lagrimas, e se dirige para a mesma, com ar de dignidade offendida.) — Basta, Senhora D. Luiza !... Si eu pudesse fallar para justificar-me ; si não conhecesse o seu genio, muito poderia dizer-lhe agora ; mas, não sei retribuir beneficios com offensas ; não devo, nem quero exceder-me, até porque estou em sua casa. Saiba, porém, que esta pobre orphã desvalida tem bastante dignidade para não tolerar, por cousa alguma, o insulto que a Senhora lhe acaba de dirigir !...

LUIZA (*interrompendo*). — Ah !. então, ainda em cima, é Vmcê. a insultada ? !...

JOSEPHA (*como acima*). — Sem duvida !... A Senhora insulta-me, desde que, conhecendo-me pelos meus precedentes, julga-me capaz de um tão baixo procedimento, como esse que me attribue !... Agora compreendo eu porque ha algum tempo me trata com excessivo desabrimto !... Mas, porque não foi franca para commigo ?... Teria deixado de importuna-la com a minha presença ; teria sahido de sua casa, pois tive até tenção firme de o fazer !...

LUIZA. — E porque não o fez ?...

JOSEPHA. — Emquanto fui menor e estive sujeita ao Senhor seu marido, como meu Tutor, que era, nada podia, nem devia deliberar por mim só ; porém, hoje, que sou maior, posso dispôr de mim ; e si não realizei já esse intento, foi mesmo por causa de seus filhos...

LUIZA (*como acima*). — Diga : de seu filho, porque já não podia estar longe d'elle !... Porém, agora ha

de poder ; pois, sou eu quem lhe diz que já não dorme hoje em minha casa !...

JOSEPHA. — Na sua, minha Senhora, porque na de alguem hei de eu achar pousada decente e honesta : não hei de dormir na rua !... Deos é misericordioso, e não desampara ninguem ; principalmente os orphãos pobres e desvalidos, que, como eu, não têm culpas que lhes pezem na consciencia !...

LUIZA (*com amarga zombaria*). — Pois, não !... Como é innocente !... E como se anima a argumentar commigo !... Foi para isso que lhe mandei ensinar á lèr e a escrever ?... (*Com resolução e altivez*) Ponhamos um ponto final nisto tudo : lembre-se que não póde discutir commigo !...

JOSEPHA. — Bem o sei ; com a Senhora ninguem póde discutir. Aqui não ha mais do que a sua vontade, sempre austêra e absoluta. Ella quer que eu seja uma moça de baixos sentimentos e indigna ; ella quer que eu sáia desta casa, e agora mesmo...

LUIZA (*interrompendo*). — Sem duvida !... Emquanto foi creança, a conduzi pela mão, e tive-a sempre junto de mim, para ensina-la á ser boa e virtuosa ; e o foi, talvez porque não soubesse o que fazia : porém, hoje, que está emancipada e já sabe o que faz ; hoje, que é senhora de si, procure quem a ature, que eu não estou mais para isso !...

JOSEPHA. — Sim, minha senhora ! Eu sahirei de sua casa...

LUIZA. — Ou eu a farei sahir !...

JOSEPHA. — Não é necessario violencia. Mas, a senhora de mim se ha de lembrar algumas vezes, estou certa, para arrepende-se...

LUIZA (*interrompendo*). — Oh ! pois, não !...  
JOSEPHA (*continuando*). — Não de haver dispensado a minha pobre companhia ; mas, de ter-me feito uma tão grande injustiça... de me haver tratado por semelhante modo...

LUIZA (*como acima*). — E como se atreve a falar-me !...

JOSEPHA. — Oh !. não posso calar-me !... E' a dôr que me empresta estas palavras com que procuro patentear-lhe o meu resentimento. Mas, vou já pôr o ponto final, conforme determina, para assim obedecer á sua ultima ordem, como á todas as que da Sessão já de sua casa ; (*dirigindo-se para dentro*) Mas, dê-me licença ; permita que antes...

LUIZA. — Onde vae ?...

JOSEPHA. — Vêr, talvez pela ultima vez, os seus filhos, e despedir-me delles !...

LUIZA (*detendo Josepha, e conduzindo-a, segura pelo braço, para a frente da scena*). — Os meus filhos não precisam despedir-se da amiga fingida... da inimiga occulta de sua mãe ! E fique sabendo que, principalmente com meu filho, nada mais tem que ver d'ôra em diante !

JOSEPHA (*recuando, com sentimento*). — Obedeço, minha Senhora. Mas, nem ao menos posso ir buscar alguma cousa do que é meu, para compôr-me melhor, visto que tenho de sahir para a rua ?!

LUIZA. — Quando recebi-a em minha casa, veio muito peor vestida do que se acha agora ; portanto, pôde muito bem sahir della nesses trajos, que não são

de luxo ; porém, mais que decentes, para quem é pobre ! (*mostrando-lhe a sahida*) Póde retirar-se ! (*Senta-se.*)

JOSEPHA. — Adeos, Sra. D. Luiza ! Queira o Céu que se não lembre de mim algum dia !... (*cobrindo os olhos com o lenço, e voltando-se para dentro*) Adeos, D. Candinha !... Sr. Carlos, adeos !...

LUIZA (*levantando-se, e com gesto de ameaça*). — Insolente ! (*Josepha sde, e Luiza senta-se novamente.*)

## SCENA XII

LUIZA, só.

LUIZA (*depois de alguma pausa*). — E eis aqui o resultado que colhe, quasi sempre, quem facilmente abre as suas portas aos desvalidos que á ellas vêm bater !... Quem diria que esta rapariga seria capaz de um tal procedimento ?!... Quem, ao vê-la e ouvi-la, junto a mim, acreditaria em tanto ?... Uma rapariga á quem sempre estimei e tratei como filha !... — E como conseguio ella illudir-me com os seus bons modos e a sua hypocrisia... (*com sentimento*) Oh ! eu a estimava devéras, e antes quizera que não fosse verdade tudo quanto acaba de passar-se !... — Sim ; tenho pena della !... Quando me lembro de que vae por ahi, sem protecção, nem amparo, e ainda moça, cahir, talvez, em alguma das muitas perigosas armadilhas de que o mundo está cheio !... Meu Deos !... que futuro a aguardará ?... Coitada !... (*com intenção*) Agora que me acho só, confesso : estou quasi arrependida do que fiz !... (*pensando*) E si não fór verdade ?... Si, arrastada por meu máo genio, eu

tiver praticado uma injustiça? Coitada!... (*Vae sentar-se chorando, proximo da mesa, com o braço direito apoiado sobre a mesma, e a cabeça sobre a mão.*) Oh!... este genio póde comprometter-me seriamente a consciencia, como este coração ha de matar-me! Josepha!... Pobre Josepha! (*Levantando-se repentinamente e afflicta.*) Si ainda fôsse tempo de manda-la chamar... Eu devêra ter ouvido a sua justificação... Póde ser que me tivesse enganado... e ser horriveis para mim!... Sim... eu vou... (*Encaminha-se para dentro.*)

SCENA XIII

LUIZA e EDUARDO

EDUARDO (*entrando, com ar jovial*). — Felizmente estão addiadas por hoje as minhas lidas officiaes.

LUIZA (*que tem retrocedido, á parte, procurando esconder a sua perturbação*). — Eduardo!... E' preciso occultar-lhe tudo por ora!...

EDUARDO (*aproximando-se de Luiza*). — Então, minha Luiza?... Não tens nada para dar-me ou dizer-me, em compensação das minhas fadigas?... (*Toma-lhe a mão e beijá-a na testa.*) Mas... como é isso?... Estás chorando?!... Para que assim te amofinas?... (*com carinho.*) Vamos: quero saber que motivo tens para isso...

LUIZA (*com esquivança*). — Não é nada; estou zangada commigo mesma.

EDUARDO. — Alguma das explosões do teu genio, seguida do infallível arrependimento: não é?... Mas,

para que assim te affliges tantas vezes?... Não vês que me amofinas tambem, e muito?...

LUIZA. — Não me fiz, e já agora hei de morrer assim.

EDUARDO. — Enganas-te, Luiza. Tudo isso é resultado do teu máo genio; e o genio, minha mulher, até certo ponto, póde ser modificado pela nossa vontade e capricho; acredita nisto que tantas vezes tenho-te repetido.

LUIZA. — Não creio.

EDUARDO. — E porque não experimentas?... Vale a pena tentar. Porém, dize-me: qual é o assumpto agora?...

LUIZA. — Não lhe direi por óra. Chegou cansado, e deve repousar primeiro.

EDUARDO. — Não; é-me impossivel repousar sem conhecer a causa da tua afflicção. Anda; dize o que te aconteceu, ou o que te fizeram.

LUIZA. — Para que? Para me não achar razão, e zangar-se commigo?!...

EDUARDO. — Mas, eu só me zango contigo, só te nego razão, quando realmente não a tens.

LUIZA. — O que acontece sempre; não é assim?

EDUARDO. — Sempre, não; mas, infelizmente, muitas vezes. Porém, isso da minha parte é franqueza, e até dever. Queres, então, que te deixe permanecer no erro?

LUIZA. — Não; mas, ha da sua parte muita prevenção a meu respeito!...

EDUARDO. — Ora! Já tu vais levando a conversação

para esse terreno, e então eu calo-me, para não exacerbar-te. Olha, minha Luiza: um marido que ama devéras sua mulher, como eu te amo, nunca pôde zangar-se e reprovar o seu procedimento e modo de pensar, sinão quando vê, ou, pelo menos, está convencido de que a razão não se acha do lado della. Pois, não é isso o que eu faço?...

LUIZA.— Não. (*atravessa a scena.*)

EDUARDO.— Entendes que não?... paciencia. Tambem não tratarei de convencer-te do contrario, porque, infelizmente, não é isso possivel. Mas, vamos: afinal, ainda não me disseste que motivo tens para te affligires nesta occasião.

LUIZA.— Josepha deixou de ser nossa hospede e pupilla.

EDUARDO (*com surpresa e admiração*).— Como?!... Pois tomou a resolução de deixar a nossa companhia?!...

LUIZA.— Não; fui eu quem a mandou embora, para evitar ou impedir a continuação dos seus desvarios e ousadia...

EDUARDO (*com sentimento*).— O que dizes, Luiza?!... Mas, o que fez então ella para tanto?...

LUIZA.— Nada: apenas seduzia o nosso filho, fazendo-o apaixonar-se de amores pela sua pessoa...

EDUARDO.— Perdão, Luiza; mas... parece impossivel!... Uma criança, a quem ella mesma ajudou a crear!... (*com transição.*) Terias tu averiguado bem isso?... Não te precipitarias, estando, de mais a mais, como estavas, prevenida á respeito dessa moça?...

LUIZA.— Póde ser, visto que eu sempre erro, e nunca tenho razão. Mas, desta vez vi com os proprios olhos!...

EDUARDO (*com embaraço e esforço*).— Luiza... não te enganarias?... Olha que Josepha é uma rapariga de sentimentos nobres e apurados!... Lembra-te que ella foi por nós educada!...

LUIZA.— Sim; porém, tem mudado muito... Faz muita differença o que é hoje, do que foi n'outro tempo. Mas, o culpado é o senhor mesmo, que sempre a apadrinhava, e até lhe dava razões contra mim...

EDUARDO.— O que dizes, Luiza?!... Isso não é exacto. Só lhe dava razão quando ella a tinha; e isso mesmo, particularmente, fallando contigo...

LUIZA.— Pois, desta vez não estava presente o padrinho; e agora o que está feito, está feito!...

EDUARDO.— E se tiveres feito mal?... Se tiveres praticado uma injustiça?...

LUIZA.— Nem assim reformarei o meu procedimento. Já lhe disse: o que está feito, está feito!... (*Passa para o outro lado da scena.*)

EDUARDO.— Mas, eu é que não posso nem devo deixar que procedam com violencia e injustiça contra uma pobre orphã, que não tem, nem deve ter neste mundo outros protectores além das nossas pessoas, nem outro amparo além da nossa casa!... Bem vêes que fui seu tutor, e que por isso devo olhar para ella!...

LUIZA.— Por isso, não: ella ha muito que está maior.

EDUARDO.— Mas, ainda assim, não me considero

exonerado da responsabilidade moral, pelo menos.—  
Dize-me : tu a ouviste?...

LUIZA.— Não; não lhe dei essa confiança!...

EDUARDO (*dirigindo-se para dentro*). — Pois, eu a  
ouvirei; e prometto-te que si ella não se justificar...  
si fôr culpada, hei de ser justo e severo na punição!  
(*Vae a entrar, Luiza o detêm.*)

LUIZA.— E' inutil : já não a encontrará!

EDUARDO (*com estupefacção*). — Que!... Pois ella  
já partio?!...

LUIZA.— Já : ha talvez uma hora que lancei-a na  
rua!...

EDUARDO (*Com espanto e dôr*). — Luiza!... isso é  
verdade?!...

LUIZA.— E', sim. Tive depois a idéa de mandar  
chama-la para ouvi-la; mas, o senhor acaba de me  
fazer mudar inteiramente de resolução.

EDUARDO.— E porque?!...

LUIZA.— Porque se mostra mais interessado do que  
deve por essa rapariga, e a meus proprios olhos, fal-  
lando commigo!...

EDUARDO.— Então, sem duvida, tenho por ella um  
interesse particular?... Sou, talvez, seu apaixon-  
ado?...

LUIZA.— Não sei...

EDUARDO.— Tenho bastante dignidade, Luiza, para  
não aceitar essa tua tão infantil quão impropria insi-  
nuação, e amo-te muito, para me não offender por  
isso comtigo.

LUIZA (*com ironia*). — Agradeço tanta generosidade  
e delicadeza... (*senta-se.*)

EDUARDO.— Basta que comprehendas os senti-  
mentos que dictam este meu procedimento para com-  
tigo.

LUIZA (*como acima*). — Oh!... pois não!...

EDUARDO.— Para que essa ironia, Luiza?... Para  
que assim me fallas?... Não vês que este teu genio  
póde nos ser fatal a ambos?!...

LUIZA.— Paciencia... Agora é tarde, para arre-  
pender-se de me haver escolhido assim para sua  
mulher.

EDUARDO.— Mas, si tu podes mudar o teu genio,  
ou pelo menos modifica-lo!...

LUIZA.— Não espere consegui-lo...

EDUARDO (*com resignação e dôr*). — Paciencia, te  
darei eu por minha vez. (*Com interesse, mudando de  
tom.*) Porém, voltemos ao assumpto, com o qual, por  
muito sério, unicamente nos devemos occupar agora,  
para ser decidido já. A tua resolução, Luiza, não  
póde ser por mim confirmada. Josepha deve voltar  
para nossa casa...

LUIZA (*com firmeza e arrogancia*). — Isso nunca!...  
(*Levanta-se e atravessa a scena.*)

EDUARDO.— Queres então que sobre nós, que  
sobre a tua consciencia peze a responsabilidade moral  
e religiosa, pelo abandono, pelo desamparo cruel, em  
que vai ficar essa pobre e infeliz rapariga, de quem,  
aliás, temos sido os verdadeiros paes até hoje?...

LUIZA (*com resolução*). — Quero!...



EDUARDO.— Como, Luiza?!... Pensa bem no que dizes!... Queres expôr á voragem do mundo sensualista, libertino e cruel, essa moça ainda pura, e concorrer assim para que se desfolhe a sua capella de virgem, e sejam nodoadas as suas candidas vestes de donzella?!... Eu mal posso comprehender-te, quanto mais acreditar-te!...

LUIZA.— Seja ella forte para resistir ás tentações, recatada para evitar os perigos, e nada terá que receiar...

EDUARDO.— Nem tu sabes o que dizes!... Onde está a força, onde o recato, para as ciladas dos homens que fallam em nome de um coração que não possúem?... E terá ella sempre toda a força necessaria para resistir ás seducções dos mal intencionados?... Conhecerá a tempo o perigo, para evitá-lo?...

LUIZA.— Pelo menos, é esse o seu dever: deve esforçar-se por saber se dirigir, pois já tem idade para isso...

EDUARDO.— E si, um dia, reprovada pela sociedade; sobre o catre da miseria; moribunda, no leito de um hospital; ou, invalida, esmolando pelas ruas o pão da indigencia, ella te accusar de haveres concorrido para a sua desgraça?!...

LUIZA.— A consciencia lhe fará ver então, que tudo isso não será mais do que as consequencias do seu máo procedimento, da sua ingratitude para com os seus bemfeitores e amigos...

EDUARDO.— Mas, si esse máo procedimento não está averiguado... si essa ingratitude não está provada, Luiza!...

LUIZA (*interrompendo Eduardo, com arrebatamento*). — Basta! Não pretendo justificar-me, e principalmente para com o senhor, do que entendi dever praticar com essa rapariga!

EDUARDO (*com resolução*). — Pois, bem!... Seja qual fôr o motivo que determinou esse teu procedimento, Josepha ha de voltar para a nossa casa!

LUIZA.— Digo-lhe que não ha de!

EDUARDO.— Ha de, Luiza, porque sou eu quem isso quer!... Compreendes?... Eu o quero!...

LUIZA (*com significação e força*). — E eu não quero!..

EDUARDO (*com exaltação*). — Então, mando que Josepha volte! entendes?... Eu o ordeno!...

LUIZA.— E eu não estou por isso; não quero obedecer!...

EDUARDO.— Ah! Luiza!... Luiza!... Tu me tornas um louco!...

LUIZA.— Não vale a pena enlouquecer por uma mulher, quando ha tantas!...

EDUARDO (*com cólera*). — Luiza!... Tu me desconheces!...

Luiza.— Pelo contrario, cada vez o conheço mais!...

EDUARDO (*como acima*). — Olha que me offendes, Luiza!...

LUIZA (*com ridicula zombaria*). — Como é susceptivel de offender-se!...

EDUARDO.— Sim; tenho dignidade e brios!... Não me julgues sómente pelo meu procedimento para

comtigo!.. Si te desculpo sempre,—si não recebo nunca as offensas que me diriges, nem por isso deves considerar-me incapaz de resentir-me, mesmo de repellir um insulto, parta elle de quem partir!...

LUIZA (*interrompendo Eduardo, com significação e ironia*).—Mas não o insulto de uma mulher ainda moça, e por quem tiver predilecção!... Essa pôde até prejudicar o futuro de seu filho, e insultar sua familia!...

EDUARDO (*em desespero, pondo as mãos na cabeça*).—Oh! isto é uma provocação!... (*muito alterado*).  
Luiza! cala-te!... Vê que estou fóra de mim!...

LUIZA (*com ironia e calma provocadoras*).—Pois, eu estou muito no meu natural!... (*senta-se*).

EDUARDO (*como acima, com força*).—Cala-te!...  
LUIZA.—Não tem o direito de mandar-me calar!...

EDUARDO.—Mas, tenho o de dizer-lhe que a senhora é uma imprudente... uma louca... uma...  
LUIZA.—E o senhor é... um homem indigno!...

EDUARDO (*quasi em delirio, querendo lançar-se sobre Luiza*).—Oh! isto é de mais!... Não... eu não soffrerei!... (*recuando repentinamente, á parte, com abatimento e em outro tom*). Insensato! O que ia eu fazer!... Não me abandones, minha razão!... (*A Luiza, de quem se aproxima, com calma e ternura*).  
Luiza!... Em nome desse reciproco amôr, tão constante e verdadeiro, e que, ha tantos annos, nos une, eu te peço, eu te rogo, não insistas nessa tua caprichosa vontade!... Ella é iniqua, é cruel; eu te asseguro!... Impropria de nós ambos, e inconveniente,

principalmente para mim, que, como sabes, recebi essa rapariga das mãos de seu Pae moribundo, e jurei substitui-lo emquanto viver!... (*com muita ternura, pegando nas mãos de Luiza*). Cede, Luiza!... Cede!...

LUIZA (*com resolução, retirando as mãos das de Eduardo*). Não cedo!... (*muda de lugar*).

EDUARDO (*pondo as mãos nos olhos*).—Olha!... vê que eu estou chorando!... Vê como sou fraco na tua presença; eu, tambem caprichoso e forte!

LUIZA.— Não creio nessas lagrimas!...

EDUARDO (*em transporte, continuando, e sem dar pelas ultimas palavras de Luiza*).—Luiza, meu amôr!.. Não desfolhes a rosa dos nossos dias!... a flôr da nossa ventura!... (*pega de novo nas mãos de Luiza, que as retira bruscamente, e passa com rapidez para o outro lado da scena*).

LUIZA.—Deixe-me, senhor!...—Não posso... não quero mais ouvi-lo!...

EDUARDO (*formalizado, com voz de resentimento e dignidade, e depois de enchugar as lagrimas*).—Basta, senhora! vos digo eu tambem por minha vez!... Não quero, não devo por mais tempo humilhar-me a vossos olhos!... (*Adiantando-se para Luiza, com imposição*). Ainda uma palavra, e será a ultima entre nós; eu vo-lo prometto!... E' mister escolher: ou Josepha volta para a nossa casa, ou, desde já, senhora, sahirei eu della para não mais voltar, nem tornar á vêr-vos!...

LUIZA.— Pôde retirar-se quando quizer; não hei de morrer de saúdade!...

EDUARDO (*com significação e força*).— Mas, talvez que arrependida!...

LUÍZA.— Também não o creia...

EDUARDO (*com resolução*).— Bem!... minha resolução está tomada! Eu me retiro, para deixá-la entregue ás consequências do seu génio, e assim melhor corrigi-la dos seus desvarios e excessos... Nunca mais tornará á vêr-me!...—Adeus, senhora!... (*Sahe apressadamente pela D. A.*)

SCENA XIV

LUÍZA, só.

LUÍZA (*que tendo por ultimo fallado sem olhar para Eduardo, logo que este se retira, como que cahindo em si, levanta-se olhando em torno*).— Como?... Elle partio?... Oh! meu Deos!... (*correndo para a porta da D. A.*) Eduardo!... meu marido!... (*Voltando, muito afflicta, e indo cahir, soluçando, sobre o sofá.*) Já é tarde!... Que fui eu fazer!... Desgraçada!...

FIM DO PRIMEIRO ACTO

ACTO SEGUNDO

O theatro representa a sala da rua ou da frente da casa de Luiza e seus filhos.— E' uma pequena e estreita morada, de porta e janella, com rotula de postigos, que abrem para dentro.— Mobilia de jacarandá, simples e usada, constando de algumas cadeiras, dous apparadores, sofá, e uma mesa redonda.— Sobre a mesa um caderno, um simples tinteiro e uma caneta com penna de escrever.— Um castiçal com manga de vidro simples em cada um dos apparadores — A porta da rua fica á D. do Actor, no segundo plano da scena, e no primeiro a janella.— Do lado direito e em frente da porta da rua, outra, que dá para um corredor, o qual communica com o interior da casa; e deste mesmo lado e no primeiro plano, outra mais larga, fechada por duasmeias portas, com caixilhos de vidro na metade superior, e dando entrada para uma alcôva.— O fundo todo da scena fechado, simulando uma das paredes lateraes da casa; encostados á esta parede estão os dous apparadores, um de cada lado e no meio o sofá; proximo deste a meza redonda e duas cadeiras de cada lado.— O aspecto da casa e seus arranjos, bem como o vestuario dos moradores, denunciam decente pobreza.

SCENA I

CANDINHA, só

Ao levantar o panno, CANDINHA, cantando tristemente, está sentada no sofá, tendo junto de si um vestido novo em que cose, uma cestinha, e varios outros arranjos proprios de costura.

CANDINHA.— Da mulher o coração  
E' jardim de muitas flôres,

E todas, todas amôres,  
Só varios na qualidade ;  
Mas do amôr é condicção,  
Nascendo espontaneamente,  
Poder vegetar sómente  
Ao lado da saúde.

Quando da separação  
O rijo vento soprando  
Tenta, co'as flôres luctando,  
Arrastal-as sem piedade,  
Vê-se que, sem excepção,  
Na lucta com o vendaval,  
Por não ser na força igual,  
Vae-se o amôr, fica a saúde.

*(Terminando o canto, e dando um profundo suspiro)*  
Ai !... ai !... Bem diz o dictado : — Quem canta  
seus males espanta !... — Estas cantigas de costura  
distrabem a gente, e até parece que adiantam o tra-  
balho. O caso é que estou com o tal vestido quasi  
acabado : só falta pregar os colchetes. — Gosto muito  
das cantigas tristes: consolam bastante. — Mas... fati-  
ta-me a antiga companheira !... a bôa Josephal...  
*(com tristeza)*. — Pobre Josephal !... o que será feito  
de ti !... Coitada !... Ha cinco annos que se separou  
de nós, e ainda um só dia não tenho deixado de me  
lembrar della com saúde !... — Foi para nossa  
familia um terrivel dia aquelle !... Com ella sahiu  
tambem de nossa casa a felicidade e o prazer !...  
Ah ! quanto tem mamãe soffrido desde então ! —  
*(pega de novo na costura e continúa á trabalhar, repe-  
tindo o mesmo canto do começo desta scena ; mas, é logo*

*depois acompanhada pela voz de Antonico, que, tendo  
aberto a rotula, e entrando sem ser visto, pára em frente  
de Candinha, modulando ridiculamente e com affectação o  
resto do canto, que ella então interrompe.)*

## SCENA II

CANDINHA e ANTONICO

ANTONICO. — Então ?... Parou ?... Isto á duas  
vozes é que é bonito !

CANDINHA *(continuando á coser e sem prestar  
muita attenção á Antonico)*. — Mas, si não é duetto...

ANTONICO *(contrariado)*. — Ora ! ... Você aba-  
fou-me o enthusiasmo, Prima !... Parou mesmo  
quando eu ia brilhar !... — Não; não posso resistir...  
justamente por este pedacinho do final é que dou o  
cavaco !... *(continúa o canto até o fim.)* — Então ?...  
heim ?... Não havia fazer effeito esta minha voz no  
theatro ?...

CANDINHA *(como acima)*. — Muito. — Porque não  
vae ser cantor ?...

ANTONICO. — Não diga isso brincando. Olhe :  
sempre havia ter mais geito do que para Empregado  
Publico.

CANDINHA. — Não duvido; porém, os cantores parece  
que tambem têm ponto e soffrem desconto no orde-  
nado.

ANTONICO. — Máu ! ... Então, desisto da idéa :  
mudemos de conversa. — *(Senta-se em uma das ca-  
deiras proximas do sofá)*. — Como está, Prima ?...  
Como passou minha Tia ?... — E o Carlos ? Ainda  
não veio da Academia ?

CANDINHA (*continuando sempre a coser*). — Vamos vivendo como Deus é servido. — Mamãe não passou bem, e Nhônhô não póde tardar. — E o Primo? como vae?...

ANTONICO. — Como está vendo!... (*tirando o chapéo, e apontando para a cara, que traz quasi toda coberta por um lenço preto, passado por baixo do queixo e atado na cabeça*). — Com a cara neste estado!...

CANDINHA (*encarando pela primeira vez Antonico*). — E' verdade!... Mas, o que é isso, então?... Está com dôr de dente?...

ANTONICO. — Nada; isto foi resultado de uma grande quéda que dei do meu alazão....

CANDINHA. — Mais uma?!...

ANTONICO. — Pois, os Officiaes de Marinha, Prima, são os que mais soffrem com as tempestades no mar; porém, nem por isso deixam de embarcar.

CANDINHA. — Quer dizer que nem por isso o Primo deixará de montar á cavallo?...

ANTONICO. — Está claro. Ainda hoje dei um bello passeio de manhã.

CANDINHA. — No mesmo cavallo?...

ANTONICO. — Pois, que duvida!... O animal é excellente: e, á fallar a verdade, o culpado fui eu... isto é: nem fui eu, nem foi elle....

CANDINHA. — Ah! não foi nenhum dos dous...

ANTONICO. — Foi o acaso...

CANDINHA. — Como das mais vezes; não é assim?

ANTONICO. — Não; das outras vezes eu fui quasi sempre o culpado. Affouteza da minha parte. Fio-me em saber montar bem, e, então, arrisco-me muito...

CANDINHA. — Mas, faz mal nisso.

ANTONICO. — Sei que faço, Prima; porém, o que quer?... Não me posso conter... E' esta minha aridez... este genio fogoso...

CANDINHA (*distrahida*). — Ah!... então o seu cavallo é fogoso?...

ANTONICO. — Não, Prima; eu é que o sou!...

CANDINHA. — E é bonito?

ANTONICO. — Quem?... eu?...

CANDINHA. — Não; o seu cavallo: é delle que estamos fallando!...

ANTONICO. — Oh! é o que se chama uma perfeita estampa!... Apenas tem o pescoço curto e a barriga um tanto volumosa.

CANDINHA. — E corre bem?...

ANTONICO. — Maravilhosamente! Como uma corsa... uma setta!... mais ainda: como um raio!... Porém, tem um pequeno defeito: tropeça muito.

CANDINHA. — E' pena. E qual dos dous preferiria: este, ou aquelle seu pampa?... Lembra-se?...

ANTONICO. — Lembro-me! Oh! eete, sem duvida nenhuma!... Até porque...

CANDINHA (*interrompendo*). — Até porque o pampa já morreu; não é assim?...

ANTONICO. — Não; mesmo este é outra qualidade de animal...

CANDINHA (*com ingenuidade*). — Ah! pois, não é cavallo?

ANTONICO. — E', sim, Prima; mas de outra qualidade.

CANDINHA. — Entretanto que o Primo dizia que nada podia haver melhor do que o seu pampa.

ANTONICO. — E' que uns fazem esquecer os outros...

CANDINHA. — E' verdade; e não é só a respeito dos cavallos que isso acontece....

ANTONICO. — Porém, eu não me esqueci ainda do meu defunto pampa!... Aqui está que sempre que a vejo, Prima, lembro-me d'elle.

CANDINHA (*rindo-se*). — Obrigada!...

ANTONICO. — Sim; porque você foi quem me deu mais provas de interesse, durante a molestia d'elle.

CANDINHA. — Si eu via que o Primo mostrava estima-lo tanto...

ANTONICO. — Ah! então, era para me agradar que perguntava pelo pobre doente?

CANDINHA. — Era, sim.

ANTONICO (*animado*). — Oh! Prima! você vai fazer-me dizer-lhe uma cousa, que ha muito tempo guardo commigo, sem animo para lhe communicar!...

CANDINHA. — E porque?

ANTONICO. — Porque tinha receio de lhe desagradar... de ser infeliz...

CANDINHA (*com ar distrahiido, como procurando alguma cousa na cesta de costura*). — Ah!...

ANTONICO (*com interesse*). — Está me ouvindo?

CANDINHA. — Estou; póde fallar.

ANTONICO (*confidencialmente*). — Pois, saiba, então, que eu gosto muito da Prima!...

CANDINHA (*com indifferença, e sempre distrahida*). — Mas, eu já sabia d'isso....

ANTONICO (*com intenção, e acanhamento*). — Porém... olhe que não é só isso....

CANDINHA (*como acima*). — Ah!... então, ainda é mais?...

ANTONICO (*animando-se cada vez mais*). — Mais... oh! muito mais!... (*aproximando-se de Candinha, com enthusiasmo e tomando-lhe ambas as mãos*). Sim, Prima!... Eu sinto por você, ha muito tempo, uma cousa que não posso... que não sei explicar!...

CANDINHA (*retirando as mãos das de Antonico*). — Que é isso, Primo Antonico? ... Olhe que ia se espetando na agulha!...

ANTONICO (*com enthusiasmo sempre crescente*). — Que me importa espetar-me! ... Oh! não se mostre esquiva, Prima! ... Eu amo-a!...

CANDINHA (*com indifferença e zombaria*). — Mais do que ao seu alazão?...

ANTONICO (*com exaggeração comica*). — Não zombe assim do meu amôr!... Olhe que eu sou capaz de...

CANDINHA. — De que?...

ANTONICO (*como acima*). — De matar-me!...

CANDINHA. — Ah! pensei, que era capaz de não montar mais a cavallo!...

ANTONICO (*pegando novamente nas mãos de Candinha*).—Prima!... olhe que eu...

CANDINHA (*retirando com vivacidade as mãos, e recuando o corpo*).—Ora ahí está!... cahiu o meu dedal...

ANTONICO (*abaixando-se, e procurando o dedal*).—Eu o apanharei...

### SCENA III

Os precedentes e o DR. LEOPOLDINO

DR. LEOPOLDINO (*depois de entrar e de fechar a ro-tula, com ar de reprehensão e desgosto, dirigindo-se á Antonico, que se conserva abaixado*).—Que faz ahí, senhor vadio?!...

CANDINHA (*vendo o Dr. Leopoldino*).—Oh! Titio!... (*Levanta-se e vai tomar-lhe a benção*).

ANTONICO (*atrapalhado, levantando-se tambem, e tomando o chapéo*).—Estava procurando o dedal da Prima, que cahiu do dedo... (*Mostra o dedal, que por depois na cesta de costura de Candinha*).

DR. LEOPOLDINO (*á Candinha*).—Deos a abençoê. (*Á Antonico*). Era melhor que já estivesse na Repartição!...

ANTONICO.—O ponto hoje fecha-se mais tarde...

DR. LEOPOLDINO.—Hoje e sempre fecha-se elle mais tarde para o senhor, que assim abusa da bondade e protecção que, como meu amigo, lhe dispensa o seu Chefe. Depois queixe-se por não ser promovido.

ANTONICO.—Não, senhor; eu vou já. Vim só saber

como passou minha Tia. (*Á parte*). Logo na melhor occasião é que havia de chegar meu pae!...

CANDINHA (*que tem ido arrumar a costura, ao Dr. Leopoldino*).—Elle chegou agora mesmo, Titio; e estava me perguntando Mamãe como passou.

DR. LEOPOLDINO.—Sim; chegou. Elle não tem que fazer aqui em horas de Repartição, e menos ainda estando você sósinha...

ANTONICO (*ao Dr. Leopoldino*).—A benção... (*O doutor dá-lhe a mão, elle toma-a, beija, e aperta depois a de Candinha*). Até logo, Prima. (*Á parte*). Para a Repartição á estas horas!... Pois, não!... D'aqui ha pouco estou de volta... Ainda não conclui a minha declaração!... (*Sahe*).

### SCENA IV

CANDINHA e o DR. LEOPOLDINO

CANDINHA.—Titio, não quer entrar?...

DR. LEOPOLDINO.—Não; quero saber como passou sua mãe e fallar com ella, aqui mesmo, si puder ser.

CANDINHA.—Pois, não; eu vou chamal-a. Ella está engommando uma roupa que o freguez mandou pedir para hoje sem falta.

DR. LEOPOLDINO.—Sempre engommando!... Dos serviços que faz, esse é o peor para o seu máo estado de saúde...

CANDINHA.—Que quer, Titio?... Mamãe não ouve ninguem. Ainda esta noute a fiz eu deitar-se, pedindo-lhe muito, quando vi que já era quasi uma hora...

DR. LEOPOLDINO.—Coitada!... está se matando!...

Mas, também Vmçê. o que fazia acordada até essa hora?!...

CANDINHA.—Estava fazendo companhia a ella, e aproveitando para acabar uma costura, que também prometti para hoje.

DR. LEOPOLDINO (*tomando uma das mãos de Candinha, e beijando-a na testa.*)—Feiticeira!... Ralha com a Mãe, e faz outro tanto!... (*Em tom de meiga reprehensão.*)—E não sabe que o dormir tarde faz mal, principalmente ás moças da sua idade?...

CANDINHA.—Sei, Titio; mas bem vê que a gente deve cumprir com a sua palavra, e fazer por não perder os freguezes. (*Com acanhamento.*) Entretanto, sempre são também mais alguns vintens que se ganha para ajudar as despesas da casa.

DR. LEOPOLDINO. (*com tristeza.*)—Tem razão!... Infelizmente, não as posso libertar desse exagerado trabalho, com que, principalmente sua mãe, já não pôde.

CANDINHA.—Titio não faz pouco, ajudando-nos, como nos ajuda.—Mas, também não é o trabalho que nos amofina: esse até distráe; assim gozasse Mamãe saúde, e podesse viver alegre!...

DR. LEOPOLDINO.—Pois, não é essa fadiga continua, pezada de mais, e a que ella não estava habituada, que tanto lhe tem estragado a saúde?... E', sem duvida nenhuma. Eu ha muito que penso no meio de remediar isso, fazendo que ella trabalhe menos, para tratar-se.

CANDINHA.—Porém, como, Titio?...

DR. LEOPOLDINO (*continuando.*)—Coitada!... Tem

sido bem castigada!... Até perdeu, um por um, os escravos que lhe ficaram!... E isso em cinco annos apenas!...

CANDINHA (*entristecendo-se.*)—E' verdade!...

DR. LEOPOLDINO.—Eis os tristes resultados de um genio violento e irreflectido!... (*A Candinha.*) Tu, que já estás moça, o apta para te cazares, deves, com proveito e dôr, contemplar o miserando quadro das desditas de teus Paes. Oh!... como ambos teriam sido felizes, minha filha, se não fosse o genio, principalmente de tua mãe!... Teu Pae era honrado e muito estimado; e, embora fosse também de muito genio e caprichoso, como homem, não lhe ficava isso tão mal. Dedicado á sua familia, amante de sua mulher e de seus filhos, tendo um juizo prudencial que raras vezes o abandonava, sabia conter-se, mesmo em presença dos excessos della. Porém, afinal, o desgraçado não soube, ou não pôde mais conter-se, e teve de reagir para castigar. Mas, de que modo?... Preferio que sua mulher pezasse lentamente o valor dos seus desatinos; quiz que o castigo fosse lento, severo e infligido pela propria mão do destino!... Entregou-a ás consequencias do seu genio, sem duvida para melhor corrigil-a; e, abandonando-a e aos proprios filhos, demitindo-se de um emprego que tinha, de posição elevada e vantajosa, desapareceu para ir esconder-se não se sabe ainda onde!... E os resultados, todos nós os temos sentido!...

CANDINHA (*chorando.*)—E' verdade, Titio!..

DR. LEOPOLDINO.—A pedra, uma vez imprudentemente deslocada, ha de rolar até á base da montanha, com a força, sempre crescente, dos corpos que ca-



hem, e ai daquelle que no seu vertiginoso caminho encontrar!...

CANDINHA.—Parece que desde então a Misericordia Divina nos abandonou!...

DR. LEOPOLDINO (*abraçando Candinha*).—Isso não, minha filha. Deos, que é a Misericordia Divina, não abandona ninguem. Precisamos e devemos ser castigados pelos nossos erros, mesmo neste mundo. Mas, do proprio purgatorio, as almas, uma vez purificadas, sobem ao céo; e tua mãe tem sido já sufficientemente castigada!... Coitada!... tem padecido bastante!... (*Com transição*). Porém, talvez agora vão diminuir os seus males para, quando menos esperar-se, aca-barem de todo! Estou convencido disso, e é o que venho hoje dizer-lhe.—

CANDINHA.—Como assim, Titio?...

DR. LEOPOLDINO.—A sorte acaba de dar-nos, a mim e a ella, em um bilhete de loteria que tinhamos de sociedade, dinheiro que chega para a compra de uma escrava, de que muito precisa para ajudal-a no serviço que faz hoje por suas proprias mãos.

CANDINHA (*com transição de alegria*).—Oh! Titio! Que boa noticia!... Isso é verdade?...

DR. LEOPOLDINO.—Pois duvidas?!... (*Tomando as mãos de Candinha*.) Pobre menina! Por quantas sensações diversas tenho-te eu feito passar em alguns minutos apenas!... Sim; é verdade; acredita; acredita, porque sou eu quem te assevera.

CANDINHA (*escapando-se das mãos do Dr. e alegre correndo para dentro*).—Oh!... vou já levar á Mamãe tão boa noticia! (*Entra*).

SCENA V

DR. LEOPOLDINO só

DR. LEOPOLDINO (*vendo sahir Candinha*).— Vae, boa e infeliz menina! Pobre victima dos erros de seus Paes!... (*Senta-se*.) E assim se aniquila a felicidade de uma familia inteira, transtornando-se-lhe completamente o futuro!... Entretanto, o que não promettia uma alliança, como essa, entre duas creaturas dotadas das mais sublimes qualidades d'alma e do coração; tão bem educadas, e que se amavam devéras!... Um momento de loucura, filho de genios impetuosos, que nunca foram refreados, por não haver a necessaria reflexão para isso, bastou para desmoronar até os alicerces o edificio de suas reaes venturas, onde tam-bem se abrigavam os desditosos filhos!...— E agora?... O arrependimento tardio; as lagrimas, incandescentes, sim, porém, infructiferas; as maiores privações!... quasi a miseria!...—Meu Deus!... valha-nos a Vossa infinita Misericordia, com que de-vemos contar sempre!... (*Fica pensativo*.)

SCENA VI

O DR. LEOPOLDINO e LUIZA, magra e desfigurada.

LUIZA.—(*dirigindo-se ao Dr. Leopoldino e apertando-lhe a mão*.) Bons dias, Mano.—Como está?

DR. LEOPOLDINO.—Oh! como vae, Mana?...

LUIZA.—Como hei-de ir?... Sempre do mesmo modo; porém, ainda assim, melhor do que mereço.—Não pensei vir enconral-o triste.

DR. LEOPOLDINO.—Não; não estou triste. Pensava em varias cousas ...

LUIZA.—Devo acreditar no que acaba de dizer-me Candinha? ...

DR. LEOPOLDINO.—Deve, sim; e já vê, então, que até tenho motivo para estar alegre.

LUIZA.—Mas, como foi isso? ... Conte-me; eu já custo a acreditar em que alguma cousa bôa me aconteça. *(Toma uma cadeira e senta-se perto do Dr. Leopoldino.)*

DR. LEOPOLDINO.—E porque? ... Você não é uma reprovada de Deus, nem da sociedade.

LUIZA.—Mas... sou uma infeliz criminosa, a quem ainda não bastam todos os soffrimentos que tem experimentado. Sou uma reprovada de mim mesma.

DR. LEOPOLDINO.—Que querem dizer estas idéas, Luiza, quando venho trazer-te uma boa noticia?!

LUIZA.—Querem dizer, meu irmão, que, embora não tenha eu ainda sido julgada por Deos e pela sociedade, que me não conhece, fui irrevogavelmente condemnada perante o tribunal infallível de minha consciencia: que essa condemnação é justa, e que, portanto, não devo esperar vêr attenuados os seus effeitos!...

DR. LEOPOLDINO.—E' preciso ter resignação, minha irmã...

LUIZA.—E eu a tenho!... Mas... ah! meu irmão!... tenho pa lecillo muito!... *(Chora.)*

DR. LEOPOLDINO.—Pobre irmã! Sei quanto pade-

ces: basta vêr-te, para avaliar os tormentos do teu espirito e os males do teu corpo!...

LUIZA.—Para mim, tudo está acabado!... *(Chora.)*

DR. LEOPOLDINO.—Não: ainda não estão perdidas todas as esperanças: Eduardo ha de voltar.

LUIZA.—Não o creio. Eduardo é homem de muito capricho, e, uma vez offendido devéras, não sabe mais perdoar.

DR. LEOPOLDINO.—Não importa...

LUIZA.—Oh!... mas, foi severo de mais para comigo!...

DR. LEOPOLDINO.—E até para consigo mesmo!...

LUIZA.—E os nossos filhos?... Que culpa têm elles de que sua mãe, arrastada pelo seu máo genio, exorbitasse como uma louca?... Qual!... eu estou convencida, meu irmão, de que meu marido já não vive; talvez elle proprio acabasse com os seus dias! *(Chora.)*

DR. LEOPOLDINO.—Não; não faças semelhante idéa de teu marido. Espirito religioso e temente a Deos, pôde ter-se imposto o cumprimento de uma resolução cruel e desesperada, como essa, para satisfazer um capricho do seu genio; mas, nunca teria tentado contra seus dias. Eu conheço Eduardo, minha irmã, e faço-lhe justiça pensando assim a seu respeito.

LUIZA.—Pois bem: se ainda vive, o que espera?... Porque não vem?...

DR. LEOPOLDINO.—Ainda não é tarde...

LUIZA.—Mas, amanhã talvez já o seja!... Oh! eu me sinto muito doente!...

DR. LEOPOLDINO. — E, nessa continuada afflicção, ficas peor cada diã. Vamos; não te quero mais vêr com essas idéas; para desabafo, basta já. Mudemos de conversa e tratemos, finalmente, do assumpto que aqui me trouxe agora. (*Levantam-se.*)

LUIZA (*depois de enxugar os olhos*). — Falle.

DR. LEOPOLDINO. — Saiba que tirámos juntos, em um bilhete de loteria, dous contos de réis, que eu entendo que devem ser applicados na compra de uma boa escrava, para ajudal-a no pesado serviço da lavagem e do engommado, que tanto lhe tem estragado a saúde.

LUIZA. — Sim; porém, metade do premio lhe pertence, e eu não admitto que faça por mim mais sacrificios do que já tem feito.

DR. LEOPOLDINO. — E quem lhe disse que eu faço n'isso sacrificio? Apenas cedo da parte que tenho n'essa vantagem inesperada, para applical-a em seu proveito; e estou bem convencido de que, procedendo deste modo, traduzo litteralmente a intenção da sorte, que só me foi favoravel por ser você minha associada. Sim; porque antes nunca tirci premio algum na loteria.

LUIZA. — Pois, bem; faça o que quizer.

DR. LEOPOLDINO. — Então, ficamos n'isto. Vou indagar particularmente quem tenha para vender uma boa escrava nas condições necessarias, afin de fazeres aquisição della.

LUIZA. — Aceitarei tudo quanto vier de suas mãos, como beneficio que não mereço, e que só poderei

pagar com o reconhecimento o mais profundo, e uma gratidão eterna!...

DR. LEOPOLDINO (*com ar de reprehensão amigavel*). — São de mais entre nós estas palavras, Luiza; e, como teu irmão mais velho, eu te prohibo de m'as repetires. — Adeos. (*Aperta a mão de Luiza, e esta corresponde.*) Voltarei, talvez, hoje mesmo, para dar conta do que tiver feito. (*Sae.*)

### SCENA VII

LUIZA, só

LUIZA. — Será possível, meu Deos, que ainda Vos mereça um favor?!... Mas, não é por mim, certamente, que assim se manifesta ainda a Vossa Divina Protecção, e sim por meus filhos, que, orphãos de pae, afinal ainda de mim precisam!... — Vamos descansar a pobre filha, que por mim ficou trabalhando, e fazer jus ao pão do dia, não tanto para mim, como para ella e para seu irmão. (*Vae retirar-se, entra Carlos.*)

### SCENA VIII

LUIZA e CARLOS

CARLOS (*entra, fecha a rotula e, depondo sobre a mesa o chapéo, um livro e um estôjo de cirurgia, que traz na mão, dirige-se logo para Luiza*). — Como passou, minha Mãe?... (*beija-lhe a mão*). Está melhor dos seus incommodos?... Ainda lhe dóe muito o peito?!...

LUIZA. — Estou melhor. — Durante o dia sempre passo melhor; de noite é que padeço mais.

CARLOS.—Quasi todas as molestias são assim : exacerbam-se durante as horas do repouso, porque são tambem aquellas em que mais lhes damos attenção. Esta noute deitei-me bastante tarde, e, emquanto estudava, a ouvi tossir muito. De manhã achei-a muito pallida; mas, agora está mais animada, e já sei a razão.—Acabo de fallar com o Tio Doutor, que tudo me contou, e estou contentissimo! Era de absoluta necessidade que minha Mãe trabalhasse menos, para poder curar-se e viver para nós.

LUIZA.—Para vocês é que eu trabalho, meu filho; com algum excesso, é verdade; mas, ainda menos do que devia.

CARLOS.—Pois queria trabalhar mais?!...

LUIZA.—Queria, sim; e devia, se pudesse. Não vêes que é preciso alliviar teu Tio, coitado! dos encargos que sobre si tem tomado para nos ajudar a viver?...

CARLOS.—Mas, nesse caso, aqui estou eu, minha mãe, que tenho mais forças do que Vmcê. Sou homem, e já disponho, graças a Deos, de elementos sufficientes para ganhar a vida para mim e para minha familia.

LUIZA.—Depois que te formares tratarás disso; por enquanto, com as explicações que dás aos teus Collegas, e as escriptas que fazes para Cartorios, já nos ajudas bastante. Tambem agora pouco falta; a minha missão a teu respeito está, felizmente, quasi completa. Oh! eu não morreria satisfeita se não pudesse realizar o desejo que tenho de te vêr formado!...

CARLOS.—Ha de vêr, com o favor de Deos!

LUIZA.—Era essa a vontade de teu Pai, e ha de ser

religiosamente cumprida... ao menos pela minha parte.

CARLOS.—E tambem pela minha; eu lhe prometto, minha Mãe!

LUIZA (*com animação, pondo as mãos e olhando para o Céu.*) — Deos me ha de ajudar para isso!... Tenho esperanza de lhe merecer ainda esta graça!...

CARLOS.—Mas, se fosse preciso conseguil-a á trôco da sua vida, como já o tem sido á custa da sua saúde?...

LUIZA.— Não importa.

CARLOS.—Lembre-se, porém, minha Mãe, que, mesmo depois de estar eu formado, a sua existencia ha de ser sempre cara e necessaria á seus filhos...

LUIZA.— Depois, não : posso morrer.

CARLOS.— Oh! não diga isso!...

LUIZA.— Veja-te eu formado e tua irmã casada, que para mais não preciso da vida.

CARLOS.— Perdão; é muito egoismo! Ambicionar o gozo de vêr seus filhos felizes, e não querer que elles tomem parte tambem na sua felicidade!... Oh! minha Mãe, muito injusta idéa forma de seus filhos!...

LUIZA (*com ironia amarga*). — A minha felicidade!.. Depois dessa, que será a maior que terei de gozar neste mundo, está ella resumida no descanso de uma sepultura!...

CARLOS.— Para que falla assim?

LUIZA.— Pois, para que mais preciso eu da mi-

nha vida, ou necessitam vocês della?... Ah! meu filho!... acredita: tua mãe tem já vivido de mais!... A existência só me é emprestada hoje como o principal elemento para o meu castigo; e é terminando aquella, que se acabará também este!... (*Carlos se entristece e fica pensativo.*)— Vou ver tua irmã, que por mim ficou adiantando algumas peças de roupa que pedem engommadas para hoje. (*Vae a entrar.*)

CARLOS (*ao ver retirar-se Luiza, e procurando detê-la*).— Mas, porque então não aproveita, enquanto ella a está substituindo nesse serviço, para descansar mais algum tempo? Candinha tem hoje mais forças para isso do que Vmcê., minha Mãe...

LUIZA.— E' o que te parece. Esse serviço é muito perigoso para a sua idade; deves saber disso; e eu, ainda posso com elle. Além de que já descansei bastante, e ella tem de acabar aquelle vestido (*apontando para o vestido que está no sofá*) que também é para hoje. Poucas peças devem faltar, e eu aprompto-as já. (*Entra pela esquerda; Carlos vae sentar-se triste e pensativo.*)

### SCENA IX

CARLOS e logo depois CANDINHA

CARLOS— Boa e infeliz Mãe!... Coitada!... A saúde dos filhos inspira-lhe tanto interesse, entretanto que é da sua que mais precisa e deve cuidar agora!

CANDINHA (*entrando*).— Nhonhô; você já deve saber da boa noticia que eu tinha para lhe dar, porque esteve com Mamãe.

CARLOS (*levantando-se e caminhando com Can-*

*dinha para a frente da scena*). — E também com o Tio Doutor, que foi quem tudo me contou.

CANDINHA. — Ora, graças á Deos, que vamos agora ter quem ajude melhor nossa Mãe em alguns serviços, para ella poder descansar um pouco.

CARLOS. — E ella que bem precisa disso!... Hoje, por exemplo, não está nada boa!

CANDINHA (*com preocupação e interesse*). — Mas... então você acha ella peor hoje?...

CARLOS. — Acho... comquanto esteja com muito melhor côr: você não reparou?...

CANDINHA. — Reparei; e está também com as mãos muito quentes! (*Como acima e pegando nas mãos de Carlos*) Oh!... porque não ha de ser franco para commigo?... Para que ha de querer enganar-me?... Eu creio que você considera nossa mãe muito doente!... Não é verdade?...

CARLOS. — Muito doente, não; porém, bastante para tratar-se desde já, e sériamente. — (*Pondo a mão na cabeça com gesto afflictivo.*) Meu Deos!... entretanto, a primeira condição do seu tratamento, o remedio infallivel para a sua cura é, talvez, impossivel obter-se!... (*Abatido, deixa cahir os braços, e fica pensativo.*)

CANDINHA (*interrogando Carlos, com afflicção*). — Impossivel?!...

CARLOS. — Sim, minha Irmã!... Julguei já possivel alcançar-se esse meio; porém, hoje... não!...

CANDINHA. — Ah! é crível que sejamos assim tão infelizes!?...

CARLOS.—Sim; e eis o que, sobretudo, me aca-  
brunha e desanima!...

CANDINHA.—Deos é grande!... Elle nos ha de  
valer!

CARLOS (*com grande afflicção*).—E se, como se diz,  
fôr verdade que nosso pae já não vive?...

CANDINHA (*recuando e cobrindo o rosto com as  
mãos*).—Jesus!...

CARLOS (*mudando de tom e abraçando Candinha  
com ternura*).—Oh! não te afflijas!... E' uma sim-  
ples hypothese, uma supposição...

CANDINHA.—Mas, não é verdade que, ha cinco an-  
nos, desapareceu, e ainda nenhuma noticia tivemos  
delle?... Oh!... nem uma prova... nem um indí-  
cio, sequer, da sua existencia!... (*Chora.*)

CARLOS.—Não chores, minha irmã, que me ani-  
quilas o animo de que tanto preciso!... Devemos ter  
esperança em Deos!... Nenhum de nós é um cri-  
minoso; as faltas são meramente filhas da nossa  
fraqueza, e costumam ser afinal perdoadas pela Misa-  
ricordia Divina, visto que a fraqueza é partilha da  
humanidade.

CANDINHA (*encugando as lagrimas*).—Assim o  
creio tambem, meu irmão.

CARLOS.—E deves crêr. Entretanto, mudemos de  
conversa.—Olha: pôdes cuidar da tua costura, que  
eu não te sirvo de estôrvo.

CANDINHA.—Não; mesmo conversando posso tra-  
balhar. (*Sentam-se, Candinha no sofá, onde, to-*

*mando o vestido, começa a coser, e Carlos perto  
della.*)

CARLOS.—Sabes quem por ultimo desapareceu  
tambem?

CANDINHA (*com interesse*).—Quem?...

CARLOS.—Aquelle amigo de nosso pae, que era o  
confidente de todos os seus segredos, e a quem elle  
tratava com a maior intimidade e confiança: o Sr.  
Paulo...

CANDINHA (*admirada*).—Como?!... Pois o Sr.  
Paulo desapareceu tambem?!...

CARLOS.—Sim; mas, por motivo muito diverso do  
de nosso Pae: desapareceu fugindo ás consequencias  
legaes de uma fallencia fraudulenta, e deixando pre-  
judicados todos os seus credores e amigos.

CANDINHA.—E Papae, que tão amigo era delle, não  
será um desses prejudicados?...

CARLOS.—Não sei; mas, é maito provavel; porque  
tendo-o, como o tinha, em conta de homem de bem,  
encarregava-o de todos os seus negocios.

CANDINHA.—Oh! eram mesmo muito amigos!...

CARLOS.—Eram: haviam até transacções dos di-  
nheiros de um com os do outro, e o Sr. Paulo tinha  
com elle uma conta corrente na sua Casa Commercial.  
Eu sei disto, porque muitas vezes mandou-me nosso  
Pae lá receber ou cobrar quantias.

CANDINHA.—Entretanto, quando você o procurou  
para perguntar se sabia onde estava o seu amigo, e  
se podia dar-nos alguma noticia delle, respondeu  
que de nada sabia, nem soubera jámais!

CARLOS. — E por mais de uma vez ; accrescentando que estavam as suas contas saldadas, havia algum tempo já.

CANDINHA. — Não sei porque, nunca pude gostar desse homem ! Sempre me pareceu que não tinha bom caracter.

CARLOS. — Não ; pôde ser que a propria amizade, que os ligou sempre, o levasse a cumprir o que por nosso Pae lhe foi, talvez, recommendado, occultando-nos o que sabia a esse respeito.

CANDINHA. — Mas, porque nem sequer procurou mais a familia do seu amigo, para socorrê-la ou servil-a em alguma cousa ? !...

CARLOS. — Emfim, para mim tem isso uma explicação : bem sabes que nossa Mãe não gostou d'elle nunca, e que até o tinha em conta de cynico.

CANDINHA. — Estou certa de que tinha razão para isso !... Oh ! ella poucas vezes se engana com as pessoas com quem trata !

CARLOS. — Não direi o contrario, principalmente agora, depois do que acaba elle de praticar. *(Olhando para dentro e dispondo-se para entrar.)* Mas... não nos esqueçamos de que nossa mãe não deve estar tanto tempo só.

CANDINHA. — Foi ella mesma quem me mandou acabar aqui esta costura, que é tambem para hoje.

CARLOS. — Pois, então, vou eu para junto della dis-trahil-a, animal-a, e fazer-lhe companhia emquanto aqui estiveres.

CANDINHA. — Sim ; falta pouco, e eu tambem já vou. *(Carlos entra.)*

### SCENA X

CANDINHA só

CANDINHA. — Minha pobre Mãe !... Ah ! que não esteja em minhas mãos melhorar a sua sorte !... *(Continuando a coser)* Vamos dar a ultima de mão á este trabalho, findo o qual, não terá Mamãe mais pretexto hoje hara negar-me o prazer de ajudal-a. *(Começa a coser, cantando como no principio deste acto, e interrompe o canto, vendo immediatamente abrir-se a rotula e entrar Antonico.)*

### SCENA XI

CANDINHA e ANTONICO

ANTONICO *(fechando a rotula e certificando-se de que ninguem mais está na sala)*. — Aqui estou eu, Prima !...

CANDINHA. — Então, não foi para a Repartição ? !...

ANTONICO. — Qual, Repartição ! Depois que sahi daqui, já passei duas vezes e espiei pela rotula, para ver quando você estava sósinha.

CANDINHA. — Pois, era preciso isso ?...

ANTONICO. — Sem duvida ! Quando se falla de amor, não sei porque, ha um certo acanhamento, que faz a gente preferir estar só com a pessoa a quem ama.

CANDINHA *(sempre cosendo)*. — Então o Primo já tem pratica disso ?

ANTONICO.—Alguna: isto é, tenho algumas lições...

CANDINHA.—Pois, eu pensava que até agora só tivesse amado os seus cavallos.

ANTONICO (*aparte*).—Se não fosse uma ingenuidade, era quasi um desafio?!... (*alto*) Então a Prima não me julgava capaz de outro amor?...

CANDINHA.—Não digo isso; mas julgava que, distraído com esses animaes, não se lembrasse de amar moça alguma.

ANTONICO (*aparte*).—Agora comprehendo!... está despeitada. Aquillo é uma indirecta; uma reprehensão, por não me haver eu declarado á mais tempo. (*alto*) E para que serve um bonito cavallo, senão para a gente chamar a attenção da dama dos seus cuidados?... Pois, a Prima não me vê passar por aqui á cavallo, todas as tardes?...

CANDINHA.—Vejo; sim. Mas, então, é para isso?...

ANTONICO.—Pois, que duvida? Eu julguei que a Prima já tivesse dado pela cousa, e eis porque não me declarei ha mais tempo, por outro modo...

CANDINHA.—Não; não tinha dado. Parecia-me que, se o Primo tivesse alguma cousa para dizer-me, estando, como está commigo aqui em casa todos os dias, teria usado de outro meio.

ANTONICO.—Preferi esse, Prima, por ser o que em rethorica se chama uma figura.

CANDINHA.—Mas, então logo uma figura de cavallo?... Oh! não é bonito!...

ANTONICO.—Não diga isso! A moça que vê passar todos os dias pela sua porta, e á uma hora certa, um rapaz bem trajado... (*mirando-se todo*) pouco mais ou menos, como eu, montando... assim... em um cavallo... (*Toma uma cadeira, colloca-a no meio da sala, e monta na mesma, virando o encosto para diante.*)

CANDINHA.—Como o Primo...

ANTONICO.—Justamente... isto é, como o meu cavallo... Lançando uns olhares significativos para a bella dos seus cuidados... (*Faz ao vivo quanto diz*) deve logo comprehender que esse rapaz está apaixonado por ella.

CANDINHA.—Pois, eu nem reparei, nem comprehenderia, ainda que desse por isso (*Como quem terminou a costura, levantando-se e depondo o vestido sobre o sofá e os objectos na cesta.*) Ora, graças á Deus, que está acabado!...

ANTONICO (*levantando-se, e com ar de escandalizado*).—Não, Prima, eu ainda não acabei; mas, se lhe fatiga a minha declaração... retirar-me-hei...

CANDINHA.—Como o Primo é desconfiado! Não me refiro á sua declaração; mas sim, á este vestido.

ANTONICO.—Ah! pensei que já estava fatigada de ouvir-me!...

CANDINHA (*dirigindo-se para Antonio*).—Não; não estou, porém, é preciso que acabemos tambem com isso.—Pelo que lhe tenho ouvido, comprehendo que o Primo está disposto á casar commigo: não é assim?...



ANTONICO (*com enthusiasmo*). — E disso dependo a continuação da minha existencia!...

CANDINHA. — Pois bem; se fôr da vontade de Mãe, póde contar com a minha mão...

ANTONICO (*com grande alegria, interrompendo Candinha e pegando-lhe na mão*). — Será possível?!... Oh! Prima! Dê cá ella... Dê m'á já!...

CANDINHA (*fugindo com a mão*). — Com uma condição porém...

ANTONICO. — Qual é ella?... A de não montar mais a cavallo?...

CANDINHA. — Não; a de esperar que seja nomeado, pelo menos, official de secretaria.

ANTONICO (*desapontado*). — Quem?... Eu?!...

CANDINHA. — Sim; antes não poderemos sustentar a nossa casa, visto que, nem eu, nem o Primo, temos meios sufficientes para isso.

ANTONICO (*aparte*). — Oh! diabo! Isto é o mesmo que dizer que não casa commigo!..

CARLOS (*dentro*). — Candinha, minha Irmã, vem cá dentro depressa!

CANDINHA (*assustada*). — O que será, meu Deos! (*para dentro*) Eu vou já... (*a Antonico*) Primo, eu vou ver o que quer Nhônhô; e como meu Tio não póde tardar...

ANTONICO. — Pois, elle ficou de voltar ainda?!...

CANDINHA. — Ficou, sim; para dar a Mãe uma resposta.

ANTONICO. — Porque não me disse isso ha mais,

tempo, Prima? Vá, que eu tambem vou-me embora. Mas... volto logo. (*Apertando a mão de Candinha e com significação*.) Entretanto... espero que ha de modificar a tal condição... sim?...

CANDINHA (*fugindo de Antonico*). — Quanto á isso, o dito, dito!... (*Entra*.)

SCENA XII

ANTONICO só

ANTONICO (*escabriado, olhando para a porta*). — Se agora vem meu Pae por ahí e me encontra aqui outra vez á estas horas... Não sei mesmo o que lhe hei de dizer!... Este namoro vae comprometter-me de todo!... Adeus, Repartição!... (*Com resolução*) Ora!... adeus!... Eu ainda hoje hei de voltar aqui. Decididamente disparei pela estrada do amor, e vou a galope, em completa desfilada!... Queira Deus que o tal Cupido, prancheando, não dê commigo mais uma v. z. de ventas no chão! O que vale é que não poderei ferir-me mais do que já estou. (*Pondo a mão no peito e dando um suspiro*) Ah! tenho o coração todo esporeado!... (*Sahe*.)

SCENA XIII

CARLOS só

CARLOS (*entrando afflicto e preocupado*). — Infelizmente os ataques continuam e cada vez mais repetidos e mais fortes!... Oh! e meu Tio que não está presente, e nem ao menos se sabe quando virá,

nem onde se acha agora!... (*Senta-se á mesa como para escrever, e logo depois levanta-se*) Não me atrevo á receber... não tenho cabeça para isso! (*Atirando-se sobre uma cadeira*) Minha pobre Mãe!... Coitada!...

SCENA XIV

CARLOS e o DR. LEOPOLDINO

DR. LEOPOLDINO (*entrando*).—Até que, finalmente... CARLOS (*vendo entrar o Dr. Leopoldino e indo ao seu encontro*). Oh! meu Tio!... Vem muito a propósito!—Pensava mesmo em Vmcê.

DR. LEOPOLDINO.—Porque?... Ha alguma novidade?...

CARLOS.—Aggravou-se aquelle máo estar de minha Mãe; os symptomas augmentaram, e afinal, agora mesmo, estando eu a seu lado lá dentro, sentio-se de repente muito indisposta e teve mais um daquelles desmaios.

DR. LEOPOLDINO.—Por óra não vejo nada, além de um bem pronunciado hysterismo; um estado nervoso, devido, principalmente, á grande fraqueza... Si quasi não come!...

CARLOS (*continuando*).—Despertando, sentio-se muito fraca e foi deitar-se. Caudinha está a seu lado, e eu pensava em procural-o quando Vmcê. chegou.

DR. LEOPOLDINO.—Agora o que convém é mesmo, antes de tudo, deixal-a repousar um pouco. Ainda nada lhe applicaste?...

CARLOS.—Ainda nada. Não sabia, nem sei ainda onde tenho a cabeça! (*Preoccupado*) Que infelicidade a nossa, meu Tio!...

DR. LEOPOLDINO.—Está bom... não desesperemos; sobretudo é preciso não desanimar a doente. O seu estado nada tem de grave e, tratada convenientemente, póde restabelecer-se em pouco tempo.

CARLOS.—Como, meu Tio?... Pois, não acredita que ella esteja bem doente?!...

DR. LEOPOLDINO.—Não. Aquillo é apenas a reacção de u.a moral sempre agitado sobre um physico debil e extenuado pelo muito trabalho.

CARLOS.—Não estarão soffrendo já os pulmões, meu Tio?

DR. LEOPOLDINO.—Não: ainda hontem verifiquei pela auscultação e pela percussão. Ambos os pulmões estão em perfeito estado, e ella respira livremente. Ha um estado de consumpção apenas, acompanhado da febre propria em taes casos: uma verdadeira anemia; estado que póde desapparecer, sobretudo, si evitar a muita lida e as grandes commoções e abalos moraes.

CARLOS.—E' justamente isso que ella não sabe fazer, meu Tio, e então muito receio que, progredindo a molestia, soffra uma transformação, e venha a ter u.a terminação fatal. Oh! minha pobre Mãe! (*Chora.*)

DR. LEOPOLDINO.—Ora vamos; temos ainda muitos recursos com que combater o mal.

CARLOS.—Ah! meu Tio! Quando me lembro que foi trabalhando, principalmente para mim, que ella arruinou a sua saúde!...

DR. LEOPOLDINO.—Não; não creio que fosse isso... O coração, o coração é quem mais a consume... (*Batem*).

CARLOS (*dirigindo-se para a rotula*). — E-tão batendo... (*Abre um postigo, e logo depois e apressadamente a rotula*) Oh! será possível?!... (*Falando para fóra*) Entre... póde entrar...

SCENA XV

Os precedente e JOSEPHA

DR. LEOPOLDINO (*vendo entrar Josepha*). — Josepha, aqui!...

JOSEPHA (*parando na porta, quando Carlos tem já fechado a rotula, e dirigindo-se ao mesmo e ao Dr. Leopoldino, com acanhamento e receio*). — Antes de tudo: não será uma desobediencia, ou, quando menos, uma indiscrição, a minha entrada nesta casa?!...

CARLOS (*adiantando-se para Josepha, estende-lhe a mão, que ella recusa apertar, e toma então a della com resolução, conduzindo-a para o meio da scena*). — E porque?!... Pódes e deves entrar, quando quizeres, sem o menor escrupulo ou receio, Josepha. A tua vinda aqui, hoje, longe de ser uma inconveniencia, é antes uma verdadeira providencia... Oh! sim!... foi a voz de Deos que te chamou hoje á esta casa!

JOSEPHA. — Foi a voz da minha consciencia, Sr. Carlos, que é tambem a do dever. (*Ao Dr. Leopoldino, cumprimentando-o*) Sr. Doutor...

DR. LEOPOLDINO (*a Josepha*). — Adeus, Josepha. Vejo que és ainda a mesma: boa e generosa, como sempre!...

CARLOS (*a Josepha*). — Oh! não fazes idéa do quanto minha Mãe deseja vêr-tel... do quanto precisa

de ti!... — Sabes que ella está muito doente, Josepha?...

JOSEPHA. — Sei, Sr. Carlos. Por accaso encontrei-me com o Sr. Antonio, ha pouco, quando, com a familia em cuja companhia vivo desde que daqui sahi, acabava eu de desembarcar, de volta de uma longa estada em algumas das provincias do Norte; e sciente do que aqui se tem passado, e do máu estado de saude da Sra. D. Luiza, não pude esperar mais tempo. Pedi a uma das pessoas da familia para me acompanhar, e vim, correndo, vel-os e pôr á disposição de todos, os meus fracos serviços... (*Detendo-se, e com acanhamento*) Se accaso delles precisarem...

DR. LEOPOLDINO. — Excellente alma!... Magnanima creatura!

CARLOS (*a Josepha*). — Bem dizia eu, que a voz de Deos aqui te chamára, Josepha!... Oh! sim! Era preciso que a tua presença, que esse teu tão bondoso procedimento, tornassem decretada pelo sensível e pungente a lição tremenda decretada pelo Céu, para castigo da Esposa e da Mãe infeliz, á quem um impeto de genio precipitou no plano inclinado das eventualidades as mais cruéis e cheias de pro-vações; mas, cujo coração, Josepha, é sempre bom, mesmo muito bom, como sabes, e por isso ha de ser perdoada!...

JOSEPHA. — Sou hoje, como fui sempre, amiga de sua Mãe, Sr. Carlos: póde crer-me; não guardo queixa alguma á seu respeito. Mas... (*procurando em torno*) onde está ella?... E D. Candinha?... (*Ao Dr. Leopoldino e a Carlos, querendo entrar*) Se me permitem, eu vou já ter com ambas... Oh! desejo muito vê-las!...

DR. LEOPOLDINO (*interrompendo e detendo Josepha*). — Sim ; ha de vê-las, e agora mesmo ; porém, convém antes preparar para isso a doente. Está fraca e abatida, e o choque que, infallivelmente, vae receber com a sua presença, pôde ser-lhe prejudicial. (*A Carlos*) E' preciso evitar o repente de uma entrada como esta...

CARLOS (*Ao Dr. Leopoldino*). — De certo, meu Tio ; e vou tratar disso já. (*A Josepha*) Queira o Céu que, tendo deixado de ser, como por tanto tempo foste, junto de nós, um verdadeiro Anjo da Guarda, sejas agora o Anjo da nossa Salvação !...

DR. LEOPOLDINO. — Ha de sêr. — (*A Josepha*) Entretanto, esta sua chegada vae determinar mais uma crise, que forçosamente ha de concorrer para o desenvolvimento da molestia !... (*A Carlos*) E' sempre assim !... Si alguma conveniencia appareço, é logo seguida da infallivel desvantagem !...

JOSEPHA. — Nesse caso... si o Sr. Dr. entende que devo retirar-me...

DR. LEOPOLDINO. — Não digo isso ; mas sim que esta sua vinda aqui agora, devendo aliás ser, como contamos que será, tão favoravel á pobre Luiza, é tambem uma verdadeira punição para ella...

CANDINHA (*dentro*). — Nhônhô, venha depressa acudir Mamãe, que está com outro ataque !...

CARLOS (*muito afflicto*). — Novo desmaio !...

JOSEPHA (*com interesse e afflicção*). — E' a voz de D. Candinha !... Meu Deos !... (*Querendo entrar*) Oh ! eu vou...

CARLOS (*detendo Josepha*). — Não ; debes esperar por

ora... Entretanto, vê si vieste, ou não, á proposito !... (*Ao Dr. Leopoldino*). Venha acudil-a, meu Tio ! venha ! ! (*Entra apressado*.)

JOSEPHA (*querendo acompanhar Carlos*). — Oh ! eu não devo... não posso ficar aqui...

DR. LEOPOLDINO (*detendo Josepha*). — Deves ficar, Josepha !

JOSEPHA (*escapando das mãos do Doutor*). — Perdão, Sr. Doutor... mas... é-me impossivel !... (*Entra tambem apressada*.)

DR. LEOPOLDINO (*contrariado, vendo entrar Josepha*). — Mais uma crise !... Mais uma lição, e com ella o castigo !... — (*Mudando de tom*). Sempre o castigo !... Meu Deos !... condoei-vos da infeliz, e, favorecendo o Irmão, inspire o Medico !... (*Entra tambem*.)

FIM DO SEGUNDO ACTO

ACTO TERCEIRO

A mesma vista do segundo acto.—Ha de mais uma cadeira de braços proxima da janella.

SCENA I

O DR. LEOPOLDINO e JOSEPHA, entrando juntos pela esquerda alta.

DR. LEOPOLDINO. — Decididamente, bôa Josepha, não conheço enfermeira que possa competir comtigo: só o teu zêlo e a tua dedicação valen um bom tratamento.

JOSEPHA. — Faço o que posso e o que devo, Sr. Doutor, e muito hei de sentir si de nada já servirem os meus esforços e a minha bôa vontade.

DR. LEOPOLDINO. — E quem lh. disse que de nada servem?—O lenitivo é para os doentes, mesmo quando se não pôde salvá-os, uma grande vantagem, e essa tem minha Irmã obtido com os teus incessantes cuidados.

JOSEPHA. — E' preciso não esquecer D. Candinha, de quem apenas sou Ajudante, e cujos desvélos não sei imitar, siquer.

DR. LEOPOLDINO. — Conheço que Candinha é uma bôa filha; mas, não admira o seu zêlo: essa é que faz o seu dever. Quanto a ti, porém, não considero exagerado todo o reconhecimento que te manifesta a doente.

JOSEPHA. — Coitada! Queira Deos que não tenha eu vindo já muito tarde! Não digo por outra cousa,

pois sei bem que não poderia cural-a; mas, ao menos, para prestar-lhe por mais tempo os meus fracos serviços. Oh! si soubesse que pezar tenho por isso, Sr. Doutor!...

DR. LEOPOLDINO. — Sei, porque vejo que és uma bôa e dedicada amiga; nem se pôde dar maior e mais significativa prova do que essa que estamos todos presenciando.

JOSEPHA. — Porém, infelizmente, quando parece que já nada pôde aproveitar!...

DR. LEOPOLDINO. — Mas, isso não será culpa tua, nem mesmo minha, que sou seu medico: diz me a consciencia. — Repito: é muito apreciavel e digno de louvor o teu procedimento.

JOSEPHA. — Não vale a pena fallar n'isso, Sr. Doutor.

DR. LEOPOLDINO. — Não é assim. Abandonar os seus interesses, quando delles tanto precisa; esquecer todas as vantagens, e até as justas queixas e resentimentos que poderia ter desta familia, para vir, espontanea e gratuitamente, partilhar das suas fadigas, desgostos e dôres, tomando parte nas vigílias da infeliz doente, e soffrendo as suas impertinencias... oh! é um acto de generosidade e abnegação, só proprio de almas bem formadas!...

JOSEPHA. — Fallemos de outra cousa, Sr. Doutor; eu lhe peço. Diga-me: continúa o mesmo remedio?... Não receita mais nada?...

DR. LEOPOLDINO. — Mais nada. Está esgotado o meu Arsenal therapeutico; quero dizer: não tenho mais medicina para aquelle caso. Continúa, portanto,

o mesmo tratamento, e fazê, principalmente, por dis-  
pertar-lhe o appetite.

JOSEPHA. — Qual! já perdi toda a esperança de  
vê-la comer! E' isto, sobre tudo, o que a está ma-  
tando. — Si deseja alguma cousa, vou correndo apro-  
mptar ou buscar; mas, quando lh'a apresento, prova  
apenas, e regeita. — Diz D. Candinha que ha muito  
tempo já que ella está assim.

DR. LEOPOLDINO. — E' verdade. Tornou-se de muito  
pouco comer; e, por isso, a fraqueza é o seu maior  
mal. Mas, emfim, façamos nós pela nossa parte  
o que podémos: ha de se esgotar o ultimo recurso.

JOSEPHA. — Sem duvida, Sr. Doutor; e prometto-  
lhe que não hei de cansar!

DR. LEOPOLDINO. — Isso sei eu: naturezas como a  
tua não cansam n'uma missão destas. Adeus, bôa Jo-  
sepha. — Vou acudir aos outros meus doentes, para  
voltar logo aqui. Si, entretanto, houver alguma ne-  
cessidade, mandem á Botica, que lá devem saber onde  
estou.

JOSEPHA (com interesse). — Mas, então, o Senhor  
acha que alguma cousa de maior póde haver ainda  
hoje?...

DR. LEOPOLDINO. — Não; é só para prevenir. Até  
logo.

JOSEPHA. — Até logo, Sr. Doutor. (O Dr. Leopoldino sde.)

## SCENA II

JOSEPHA só

JOSEPHA. — Quem dirá que é esta a mesma familia  
de ha cinco annos! — Pobre D. Luiza! Como vim en-  
contral-a? — E porque não cheguei eu mais cedo?!...  
Oh! não foi porque não pensasse nelles todos; mas,

não me julgava com o menor direito de procural-os  
outra vez. Si eu suspeitasse, siquer, tudo quanto se  
tem passado, certamente que já estaria ha muito tempo  
aqui. Deos sabe que não guarde nunca o menor resen-  
timento, porque sempre comprehendi que aquelle seu  
acto de violencia para commigo não foi dictado pelo  
coração. — Coitada! A sua justificação quando aqui  
cheguei penhorou-me em extremo, e até me fez ter  
remorsos! Sim; ás vezes parece-me que eu não de-  
veria ter tomado tanto ao serio o que ella me disse  
nesse dia fatal, e acredito que se tivesse continuado a  
ficar em sua companhia, as cousas não teriam chegado  
a este ponto. — E a pobre D. Candinha, tão minha  
amiga, coitadinha! Por que transe não tem passado!  
Ainda tão moça, e já tão cheia de trabalhos e des-  
gostos! — (Mudando de tom) Vou lançar no meu  
diario a observação desta noute, para assim cumprir  
o que me ordenou o Sr. Carlinhos. (Senta-se á mesa,  
toma o caderno e escreve.)

## SCENA III

JOSEPHA e ANTONICO

ANTONICO (entrando e fechando a rotula cuidadosa-  
mente e sem rumor. A'parte). — Vamos ver si ainda  
desta vez não completo a tal minha daclaração! (Con-  
trariado vendo Josepha) E com effeito! Não é ella!  
E' a sinha Josepha! Fui ainda mystificado!... (Pen-  
sando e em outro tom) Ora... estou capaz de apro-  
veitar o tempo e a occasião, para fazer mais esta con-  
quista supplementar! (Alto, á Josepha, depois de en-  
direitar os collarinhos e pôr o pince-nez) Bons dias,  
sinha Josepha!...

JOSEPHA (a Antonico, continuando a escrever). — Oh! bons dias, senhor Antonico.

ANTONICO (d'parte). — Por onde diabo hei de eu começar?... Dei agora em empacar como o meu alazão! (A Josepha, simulando interesse) Como... como vae a doente, sinha Josepha?...

JOSEPHA (escrevendo sempre). — Como ha de ir, Sr. Antonico? Do mesmo modo, si não peor. Ainda esta noute passou bem mal!

ANTONICO. — Coitada!

JOSEPHA. — Não quer ir vê-la? E'la está acordada.

ANTONICO. — Não; basta que me informe do seu estado. (Fingindo-se afflicto). Pobre de minha Tia! Eu já nem posso vê-la! — Coitada! Sempre me lembro, com gratidão, das muitas vezes que me serviu de mãe, puxando-me as orelhas, na falta daquella que me deu o ser, para morrer logo depois, ficando meu paê viuvo! — (A parte, em outro tom, e olhando para Josepha) E' bem boa caça! E não me lembrava que podia ter mais esta distração! Vamos a ella; não percamos tempo. A occasião, a hora e o lugar são favoráveis! (Aproxima-se de Josepha, e recita atrapalhado.) E esta! Não estou com as pernas a tremer!... Sou muito nervoso! — Já não é a primeira vez que tal me acontece! (Aproximando-se novamente de Josepha, com voz muito trémula) Sinha... Jo... se... pha!...

JOSEPHA. — Senhor?...

ANTONICO (recuando de novo, aparte, tremendo só as pernas... é o corpo todo... e até a voz!...). Entretanto... com a prima Candinha não foi assim! E' verdade que com ella tinha eu mais familiaridade...

JOSEPHA (como acima, vendo que Antonico não responde). — Porém, o que queria, Sr. Antonico? Póde fallar que o estou ouvindo.

ANTONICO (aparte, como acima). — Estou quasi não respondendo... porque vou me comprometter. (Alto e tremendo muito) Não, é... que... eu...

JOSEPHA (depois de observar Antonico, deixando de escrever e correndo para elle assustada). — O senhor está incommodado?!... Está sentindo alguma coisa?!...

ANTONICO (como acima, deixando-se cahir nos braços de Josepha, que o ampara). — Me segure, sinha Josepha!... Me... segure... (A' parte). Como veio a tempo esta tremura!... Tirou-me o acanhamento!...

JOSEPHA. — Mas, o que sente, então?!...

ANTONICO (alto, dando um suspiro e apontando para o coração). — Ai!... sinto aqui... uma coisa!...

JOSEPHA (segurando com dificuldade Antonico, que apoia-se nella traçando-lhe os braços pelo pescoço). — Mas, foi repentino este seu incommodo? Costuma ter isto, ou é a primeira vez?...

ANTONICO (sempre na mesma posição, e descansando a cabeça sobre o hombro de Josepha; a parte). — Isto é commodo, não é incommodo! (Alto, fingindo abatimento, e voz alterada). Costumo... costumo ter isto, todas as vezes que soffro grandes abalos ou commoções violentas... e a noticia que me deu do estado de minha Tia....

JOSEPHA (como acima). — Mas, o senhor assim não

está bom. Sente-se para aqui. (*Conduz Antonico, com esforço, para junto de uma cadeira, e senta-o na mesma; ficando, porém, sempre detida por elle, que se conserva abraçado ao pescoço della*). E' bom beber um pouco d'agua; eu vou buscar. (*Tenta desenvencilhar-se de Antonico, este a detem conservando-se na posição acima.*)

ANTONICO. — Nada; Deus me livre de beber agua agora!...

JOSEPHA. — Porque?...

ANTONICO. — Constipava-me immediatamente; eu já conheço esta minha molestia.

JOSEPHA. — Então, dê-me licença. (*Escapa-se dos braços de Antonico, que, porém, a detem pela mão*). E' uma doença esquisita, na verdade! Nunca vi agua fria fazer mal nestes casos!

ANTONICO (*d' parte*). — Parece que estou ameaçado de uma recabida! (*Alto*). Isto é uma molestia de sentimento, sinha Josepha, e o sentimento, qualquer que elle seja, não quer agua fria.

JOSEPHA. — Mas, para que se entrega assim ás impressões?

ANTONICO (*animando-se*). — Oh! não faz idéa! Todo eu sou uma cratera.... um volcão! (*Tomando a mão de Josepha e pondo-a sobre o coração*) Olhe: não sente, sinha Josepha?

JOSEPHA. — E' verdade! como lhe bate o coração!...

ANTONICO. — Pois é nelle mesmo! ahí é que está todo o meu mal! (*Ainda com a mão de Josepha sobre o coração, com ternura e enthusiasmo.*) Ah! sinha Josepha!... sinha Josepha!... (*Deixa cahir a cabeça como que desmarando.*)

JOSEPHA (*assustada, escapando-se de Antonico*). Meu Deus!... Espere; vou mandar chamar seu pai....

ANTONICO (*com presteza, levantando-se, e tentando detter Josepha*). — Não faça tal!... não precisa; eu já estou melhor. (*A' parte*) Que lembrança! (*A Josepha*) Isto foi apenas, como já lhe disse, resultado da emoção que tive. (*Dando um suspiro*). Ah! e que emoção! (*A' parte*) Não esperava poder abraçal-a tão depressa, e por tanto tempo!

JOSEPHA (*querendo retirar-se*). — Então, como está melhor, ha de me dar licença....

ANTONICO. — Não; escute, sinha Josepha; eu ainda não lhe disse o que queria!

JOSEPHA. — Pois, então, diga, porque tenho que fazer lá dentro.

ANTONICO (*d' parte*). — Não sei ainda o que lhe hei de dizer! Sou muito sujeito a estes ataques de estupidéz! (*Alto*). A senhora.... A senhora.... já me vio montado.... á cavallo, sinha Josepha?...

JOSEPHA. — Não me lembro bem; mas, parece-me que já.

ANTONICO. — E.... gostou?...

JOSEPHA. — Muito!

ANTONICO. — Pois.... agora... eu fui nomeado alferes de cavallaria da guarda nacional.

JOSEPHA. — Estimo muito, e dou-lhe os parabens.

ANTONICO (*approximando-se de Josepha, com intenção*). — E á minha pessoa? A senhora me estima tambem?...

JOSEPHA. — Tambem, Sr. Antonico; como a todas as pessoas de sua familia.



ANTONICO. — Mas, a senhora d'antes parecia gostar mais de mim do que hoje, sinhá Josepha...

JOSEPHA. — Não tenho razão para isso.

ANTONICO (*aproximando-se de mais*). — Olhe: se me dá licença, eu lhe vou dizer tudo o que sinto pela senhora. Está disposta a ouvir-me?...

JOSEPHA (*esquivando-se*). — Com muito gosto o ouviria, si não estivesse a doente lá dentro á minha espera para almoçar. — Bem sabe que uma enfermeira não deve ficar muito tempo longe do seu doente. Ha de me dar licença... N'outra occasião... (*Entra.*)

SCENA IV

ANTONICO só

ANTONICO (*fallando de vagar para dentro, depois de ter acompanhado Josepha até á porta, como para impedir-lhe a sahida*). Não! Agora mesmo!... es-cute!... psio!... Olhel (*Voltando para o meio da scena*) E foi-se a caça, deixando-me com agua na boca. Mais uma declaração que fica adiada! Sou infeliz com as conquistas nesta casa! Mas, tambem, si eu havia de começar logo por um rasgo bem romantico e cheio de eloquencia, puz-me como um tólo a usar de meias palavras! (*Mudando de tom.*) Ora, senhores, porque será que todo o namorado fica es-tupido? Parece que o namoro não tem o apoio da intelligencia! Está feito; ao menos ficou o negocio começado, e já estou aqui a duas amarras, como se costuma dizer. Se falhar uma, a outra não deve escapar. Que eu acredito que a Prima Candiúha

agora ha de mudar de opinião a meu respeito. Quando ella me vir com a minha farda de Alferes de Cavallaria da Guarda Nacional, de banda e dragonas, montado no meu alazão, não terá mais condições para me propôr. (*Mudando de tom.*) O peor é que ainda não pude acabar de fazer-lhe a tal declara-ção!... Ha, não sei quantos mezes, todos os dias aqui venho e... volto da mesma maneira. Nada; isto não póde continuar assim por mais tempo! Cinjo hoje uma banda de guerreiro, e, portanto, é preciso mos-trar resolução e coragem, tentando uma acção decr-siva! (*Olhando para a porta da rua.*) Oh! ahí vem o Primo Carlos...

SCENA V

ANTONIO e CARLOS, que, entrando silencioso e com ar triste, estende apenas a mão a Antonico, que lh'a aperta; vae sen-tar-se junto da mesa, e põe-se a lêr o caderno em que Josepha escreveu.

ANTONICO (*d parte.*) — Si elle chegasse um pouco antes, estava eu agora apertado devéras! Na verdade, faço cousas mesmo de criança! Como lhe havia eu explicar aquella minha tremura e o meu desmaio, sendo elle, de mais a mais, já quasi Medico?... Nada; vou me embora; até porque não tenho, realmente, disposição para estar triste, e posso comprometter-me! (*Aproximanda-se de Carlos, que, sem prestar-lhe attenção, continúa a lêr com interesse.*) Primo Car-los?...

CARLOS (*tendo sempre.*) — O que queres?...

ANTONICO. — Você não precisa de nada?

CARLOS (*terminando a leitura do caderno, e lan-*

*gando-o sobre a mesa, com ar triste.)* Mal ! sempre mal ! Cada dia peor !...

ANTONICO — Mas, então ? Não precisa de nada ?...

CARLOS — O que eu preciso, o que me falta, Antonico, só Deos me pôde dar : são as melhoras de minha mãe !

ANTONICO. — Que duvida ! Tambem não é isso o que eu venho offerecer-lhe.

CARLOS (*levantando-se e com ar afflicto.*) — Então, não me offereças mais nada : nada mais quero !...

ANTONICO. — Mas, então, você zanga-se commigo ?

CARLOS. — Não ; não estou zangado, estou afflicto. Deixa-me. (*Passa afflicto pela scena.*)

ANTONICO (*d parte.*) — Que duas naturezas tão differentes são as nossas ! Por isso não podemos concordar nunca ! — E' verdade que elle agora, coitado ! tem razão. (*Alto.*) Pois bem ; si a minha presença o incommoda, eu me retiro. (*Vae a sair, e Carlos o delém.*)

CARLOS. — Não ; não exijo que te retires ; ao contrario, agradeço-te a companhia e a boa vontade. Sabes que tenho o espirito acabrunhado, e, portanto, não deves dar aprego aos meus ditos.

ANTONICO. — Tambem, eu vim só saber como passou minha Tia, e vêr se precisavam de mim para alguma cousa...

CARLOS. — Eu te agradeço, meu bom Primo ; de nada precisamos, por óra... Isto é, não sei se lá dentro precisaráo... Porque não entras ?...

ANTONICO (*com fingido sentimento.*) — Não me acho agora com animo para vêr minha Tia. Fallei já com a sinhá Josepha, aqui, ha pouco, e soube que ella passou mal esta noite.

CARLOS. — E bem mal ! (*sentando-se novamente e mais afflicto ainda.*) Ah ! meu Primo ! De que serve isto que se chama sciencia, e a cujo estudo estou eu me dedicando ?...

ANTONICO (*com ingenuidade affectada.*) Dizem que serve para curar as molestias...

CARLOS. — Mas, si ella não as cura ?...

ANTONICO. — Então sempre serve para se ganhar a vida.

CARLOS. — Mas, não para dal-a a quem d'ella precisa ; não é assim ?...

ANTONICO. — Isso, não ; acreditar-se em tal seria escarnecer da humanidade.

CARLOS. — Entretanto, é o que se está vendo !

ANTONICO. — Pois, olhe : a quem não precisa de saúde, eu tambem a dou ; até ahi sou eu Medico.

CARLOS (*continuando.*) — E então, acredita : a Medicina não passa de uma impostura !

ANTONICO. — Isso, não ; não concordo. Lembre-se que meu pae e seu tio é Medico, e que não é um impostor !

CARLOS. — Meu tio é o primeiro a reconhecer a verdade do que acabo de dizer.

ANTONICO. — Mas, então querias que o Medico fosse infallivel ?...

CARLOS (*pensando.*) — Tens razão! O Medico é homem, e no limite da sua pequenez, da possibilidade humana, que é bem curta, está também a terminação da sua sciencia! O contrario importaria destruir-se a linha de demarcação entre Deos e a creatura, e, novos Deoses, poderiam os Medicos revogar os Decretos Divinos!

ANTONICO. — Que duvida! Isso era bem bom!

CARLOS. — Com effeito, é preciso que nos resignemos com a nossa mesquinha condição. — Mas, ah! meu Primo! é bem triste esta convicção para aquelle que, como eu, tem, não obstante, de apresentar-se na sociedade dos homens inculcando-se seu salvador!...

ANTONICO. — Lá por isso, não; ha por ahí tantos Doutores que não são doutos...

CARLOS (*com dignidade*) — Mas essa posição não se compadece com a consciencia do homem que não sabe especular com a credulidade, a confiança e a vida do seu semelhante; e, portanto, meu Primo, não comprehendo o que quer dizer ser Medico! (*Fica novamente pensativo e afflicto.*)

ANTONICO (*d parte*). — A conversa vae se tornando philosophica de mais: já não me agrada. (*Alto, a Carlos.*) Acho que tens razão: mas, que remedio? Você não é que ha de reformar o mundo, ou a natureza das cousas, e principalmente a natureza humana. Oh! si isso fosse possível, ha que tempo teria eu já reformado a do Chefe da minha Repartição, ou elle a minha! Vivemos em luta constante. Ha então naturezas que autipathisam horrivelmente com os gozos

e os commodos da vida dos outros! A desse homem, por exemplo, é uma dessas, e eu...

CARLOS (*sem prestar attenção á Antonico.*) — E ha de, afinal, morrer minha mãe sem que, depois de tantas conferencias e consultas, se tenha ainda podido acertar com a sua molestia, nem com o seu tratamento! Oh! quer me parecer que é uma mentira tudo quanto me estão ensinando!... (*Torna a ficar como acima.*)

ANTONICO (*que, desapontado por ter sido interrompido por Carlos, e vendo que este lhe não presta attenção, tem tomado o chapéo e a bengalla, preparando-se para sair; aparte.*) — Nesta casa agora só se falla em molestias, em medicos e em medicina. Estava perdendo meu tempo; pregava no deserto. Pois, vou-me embora; e o tal Sr. Carlos não me apanha tão cêdo para outra preleção! (*Alto.*) Adeos, Primo Carlos.

CARLOS (*Distrahido.*) — Adeos, Antonico. (*Como despartando.*) Então, já vaes?...

ANTONICO. — Já, até logo. (*Aparte.*) Depois de se despedir de mim é que pergunta si já vou! Está morrendo por isso, e eu tambem! (*Sáe*)

## SCENA VI.

CARLOS (*Só.*)

CARLOS (*Levantando-se.*) — Tenho a cabeça perdida! Não sei que contas hei de dar de mim no fim do anno! Meus estudos, atrazados; minhas explicações, interrompidas... Mas, emfim; perdesse eu tudo, contanto

que minha pobre mãe se salvasse! (*Vae sentar-se cobrindo o rosto com o lenço.*)

(*Ouve-se Candinha repetir dentro o mesmo canto do começo do 2º acto.*)

CARLOS (*depois de ter ouvido o canto, na posição acima declarada*):— Pobreirmã!..—E' o seu canto favorito, e tambem de nossa mãe, que se apraz em ouvi-lo a cada momento, e até dorme emballada por elle! Oh! tem razão! é tambem a saudade que lhe consome a existencia! A saúde, sentimento que nos punge e nos consola ao mesmo tempo! Astro que, com seus frouxos e tristes raios, nos alumia o peito, quando em trevas ó deixam a separação e a ausencia dos que nos são caros!.... (*Batem*). Quem será?... (*Impaciente*). Não quero visitas; de nada sei, nem quero saber! (*Vae sentar-se; mas ouvindo bater novamente, enaruga os olhos, abre um dos postigos da rotula, e fechando logo depois, volta com uma carta na mão*). Uma cartá de meu tio! Que terá elle a dizer-me com tanta urgencia, que precisou escrevê-lo, mostrando-se muito agitado). E' possível, meu Deus?! Terei eu lido bem o que aqui está escripto?!.. (*Lendo novamente e em voz alta*). «Meu Carlos.—Precisa.—Teu pai está aqui commigo!—Depois de tanto tempo, que passou em voluntario exilio no interior da provincia de Matto-Grosso, como um simples e desconhecido Mestre de Meninos, deliberou vir, correndo, acudir á sua infeliz familia; e oxalá que ainda seja tempo de salvar tua mãe! (*Interrompendo a leitura*). Oh! é talvez já muito tarde! (*Continuando a ler*). Quería ir já precipitar-se nos braços della, pois está convencido de que, com a sua presença, lhe levará a vida; porém, eu entendi dever contê-lo, até que se a

disponha para o receber. Não quero, entretanto, a responsabilidade e o remorso de vê-la morrer sem abraçá-lo, e por isso accedi ao seu desejo; mesmo porque fôra inutil e perigoso obstar á sua resolução, que é irresistivel.—Vem, portanto, que elle te espera ansioso para abraçar-te tambem, e eu para combarmos no plano dessa entrevista. Não te demores.—Teu tio e amigo —Dr. Leopoldino de Castro.» (*Em transporte de alegria*). E', pois, verdade que vamos, finalmente, vêr ainda e abraçar meu pae!... Oh! a Providencia Divina ouviu as nossas supplicas! Deus se compadeceu das nossas lagrimas! (*Com transição*). Mais alguns dias... e já não a encontraria! (*Tomando o chapéu*). Não devo perder tempo! (*Sde apressado*).

### SCENA VII

LUIZA, CANDINHA, e JOSEPHA

(*Luza, em extremo magra e abatida, com andar lento, grande cansaço, e tossindo repetidas vezes, entra em scena apoiada em Candinha e Josepha, que, cada uma de um dos lados, com o maior carinho e interesse, a ajudam á caminhar*).

CANDINHA. — Está bom, Mamãe; agora sente-se um pouco. (*Com Josepha, ajuda Luiza a sentar-se na cadeira de braços que está proxima da janella*).

JOSEPHA. — Está bem assim?

LUIZA. — Estou; porém... sinto-me muito cansada... falta-me o ar...

CANDINHA. — Talvez fosse melhor não se ter levantado hoje, como lhe disse Titio Doutor.

LUIZA. — Não; ao menos mudo de ar, e fico mais distrahida. O cansaço, daqui a pouco passa; é sempre assim. (*Tosse*).

JOSEPHA. — Não deve fallar muito ; os Medicos lhe prohibem de conversar.

CANDINHA (a Luiza). Não almoçou nada. Quer que vá buscar um caldo ?

LUIZA. — Não ; sempre comi alguma cousa...

JOSEPHA. — Tal qual como hontem, e em todos os outros dias.

CANDINHA. — Deixe-me ir buscar o caldo ; sim ?..

LUIZA. — Nesse caso... prefiro uma chicara de chá.

JOSEPHA. — Vou fazê-lo. Em dous minutos estarei aqui com elle... (*Encaminha-se para dentro.*)

CANDINHA (*detendo Josepha*). — Não, senhora ; ha de ter paciencia. Sou eu quem tem esse direito agora. Você não me deixou hoje fazer o almoço para ella.

LUIZA. — Está bom... não briguem por minha causa !...

JOSEPHA. — Oh ! não sou capaz disso ! (*Collocando-se perto de Luiza ; á Candinha*). Vá, D. Candinha : os seus direitos são superiores aos meus.

LUIZA. — Não haja ciúme. Qualquer das duas não precisa dar mais provas da sua amizade e dedicação por mim. Assim as merecesse eu !...

CANDINHA (*á Luiza, com ar de meiga reprehensão*). Eu já disse que não gosto de ouvir Mamãe fallar assim ! — Vou fazer o chá, e já volto. (*Sde*).

### SCENA VIII

LUIZA e JOSEPHA

LUIZA (*tomando a mão de Josepha, que se conserva junto della*). — Bôa Josepha ! Deixa-me aper-

tar-te a mão, como a unica prova que te posso dar do meu reconhecimento por tudo quanto tens feito e estás fazendo por mim ! — Ah ! quanto te sou agradecida, minha bôa amiga !

JOSEPHA. — O que é feito por obrigação não se deve agradecer.

LUIZA. — Obrigação ! Isso não ; e ainda quando a tivesses, estavas no teu direito excusando-te aos sacrificios que fazes por mim. Os teus actos, porém, todos são dictados pelo teu coração, que é immensamente bom, e pela tua amizade legitima e sincera ; e é isso que lhes dá o valor que elles têm, e que eu mal posso alcançar, sem poder recompensar-te !...

JOSEPHA. — A recompensa está no seu restabelecimento, que espero se realizará em breve tempo. Mas, não fallemos mais disso : eu lhe peço. — Ha de permittir que lhe lembre outra vez o que os Medicos recommendaram.

LUIZA. — Para que me queres privar do allivio que sinto quando te fallo do meu reconhecimento ?.. Não vês que ha nisso uma consolação para a doente infeliz, que, condemnada á não receber mais favores do céo, se apraz em fallar dos que ainda lhe dispensam n'este mundo almas generosas, como a tua ?...

JOSEPHA. — Pois, bem ; não desejo contrariar-a. Mas, ainda insistindo em classificar tão alto os meus pequenos serviços, ha sempre um saldo a seu favor, minha senhora.

LUIZA (*com sentimento*). — Minha senhora !... Porque não tua amiga, Josepha ?..

JOSEPHA. — Pois sim ; minha amiga ; mas, quando meos, minha Ama tambem.

LUIZA. — Posso eu hoje ter creadas, e como tu ?..

JOSEPHA. — Tanto póde, que as tem.

LUIZA. — Ah! Josepha! A tua generosidade me opprime e esmaga! E' mais um castigo de que sou merecedora! (*Chora*).

JOSEPHA. — Si se afflige com isso, então calo-me! Por Deus! que não tenho o menor pensamento de incomodal-a!

LUIZA. — Sei. — Sei que és tão bôa para mim quanto eu fui má para ti! Mas, ah! Josepha! ainda uma vez te peço: perdoa-me!

JOSEPHA (*aparte, afflicta*). — Que tormento! (*Alto*). Eu já lhe disse, D. Luiza... minha amiga... que nunca me julguei offendida devéras pela senhora, e que, portanto, não tenho de que perdoal-a.

LUIZA. — Não me diz isso a consciencia!

JOSEPHA. — Si, pelos meus poucos e fracos serviços, quizer dar-me uma prova do seu reconhecimento, não ha de fallar mais nisso; sim?

LUIZA (*tomando a mão de Josepha*). — Como tu és indulgente!... — Oh! porque não havia de ser assim pelo contrario, foi até barbaro e cruel para commigo!

JOSEPHA. — Foi, com effeito, muito austéro!

LUIZA. — Entretanto, que, conhecendo-me mais do que ninguem, devêra contar com o arrependimento, que desde essa hora fatal da minha vida me acompanha, e tem sido o mais violento instrumento do meu castigo, por isso que, directamente e a cada momento, fêre e tortura este coração, que sempre foi d'elle!... (*Chora*).

JOSEPHA (*traçando o braço pelo pescoço de Luiza, com sentimento e carinho*). — Minha bôa amiga...

Senhora D. Luiza... não lhe convêm estas idéas e amofinações!...

LUIZA. — Deixa-me desabafar, ao menos, este peito, onde a morte fez já o seu ninho! Deixa-me lançar fóra d'elle, dissolvida nas lagrimas, esta dôr, verdadeira e unica origem do mal que me consome a existencia!... — O que seria dos desgraçados como eu, Josepha, si não fossem as lagrimas?... Oh! ellas são o fêl corrosivo, que, emquanto verte do coração, infeliz, não o queima e abraza! Deixa-me, portanto, chorar para não morrer já!... (*Soluçando, cobre o rosto com o lenço; logo depois cae em deliquio, e fica como extenuada nos braços de Josepha, que a ampara.*)

JOSEPHA (*assustada e afflicta*). — D. Luiza!!... D. Luiza!!... Meu Deus! Como D. Candinha se demora! (*A Luiza, que tem tornado a si*). Está medlhora?... (*Luiza acêna affirmativamente com a cabeça*). Espere; vou buscar alguma cousa para animal-a...

LUIZA (*levantando se, com dificuldade e apoiada em Josepha*). — Sim; porém, vamos para dentro. — Tenho necessidade de espairecer...

JOSEPHA. — Mas, não é melhor descansar ainda aqui um pouco?...

LUIZA (*com impertinencia*). — Não; quero ir para dentro! (*Caminha, sempre apoiada em Josepha*).

JOSEPHA. — Pois, bem; vamos. (*Aparte*). — Pobre senhora! Tão bôa, e tão infeliz!... (*Entram*).

## SCENA IX

CARLOS SÓ

CARLOS (*entrando apressado e em estado de visivel*

*agitação*). — Eis-me collocado entre a felicidade e o perigo! Difficil posição, na verdade! Entretanto, não ha que exitar: meu pai manda, e é necessario obedecer; tanto mais quanto elle tem razão! (*Com emphasis*). Meu pai!! Até que, afinal, pude outra vez vê-lo e abraçal-o!.. Coitado! Como está acabado! Bem se vê quanto tem soffrido tambem! Oh!... o coração me dizia que um marido e um pai, tão bom como elle foi sempre, não era capaz de abandonar inteiramente, de uma vez e para sempre, sua família! Agora vejo que todos fomos victimas da perveridade de um homem! (*Mudando de tom*). Vamos: é preciso dispor minha irmã, e fazê-la tambem sciente de tudo. A bôa Candinha! Oh! como vai ella ser agradavelmente sorprendida! Quanto à infeliz doente... a meu Tio, seu irmão, incumbe desatar-lhe as cordas do martyrio, para vermol-a, talvez, calir sem vida!.. (*Entra*).

SCENA X

ANTONICO só

ANTONICO (*entrando cautelosamente; depois de olhar para dentro*). Afinal, foi-se o massante do tal senhor primo Carlos! Não me convinha entrar emquanto elle aqui estivesse, não só para evitar uma nova preleção de philosophia, para a qual não estou disposto, como porque, estando presente, ainda que viesse a prima Candinha, não poderia eu entregar-lhe esta carta. (*Para da algibeira uma pequena carta*). Resolvi por fim servir-me deste meio, já que me é absolutamente impossivel fallar-lhe. — Deve produzir um grande effeito, pelo estylo, e pelas escolhidas phrases com que está escripta! Desenganemo-nos: a cartinha foi sempre o melhor recurso

do namorado, e é por isso indispensavel nestes casos. A gente até perde a vergonha, e diz o que quer com mais desembaraço! Ora, leiamos o que escrevi, pois ainda não tive tempo para revê-lo. (*Abre a carta e lê com enthusiasmo comico*). «Minha Olympica Deidade! (*Fallando*). Esta palavra é tirada do Circo dos Cavallinhos, que é o meu divertimento favorito, e cabe aqui maravilhosamente! (*Continuando a lêr*). «O fogoso Pégaso, disparando, entre violentos corcóvos, pelas aéreas estradas dessa região onde habitas, caminha em choteiro trote, comparado com a desfilada que leva o meu amor pelas longas avenidas deste coração, almejando chegar victorioso á estacada, no arriscado páreo que lhe proporciona o destino, com as difficuldades que se oppõe nossa ventura!.. (*Fallando*). Bravo! está muito bom! (*Continuando a lêr*). Sim, encantadora prima! A tua mão é o premio destinado ao vencedor nesta corrida! E eu, minha Josepha, depois que quasi desmaiei nos teus braços... (*Interrompendo a leitura; muito desapontado*). Ora!.. Fil-a bonita!.. Confundi a prima Candinha com a sinhá Josepha! E' o resultado de dous namoros em uma só casa, e na mesma occasião! — E o caso é que foi bem bom ter eu tido a lembrança de lêr a carta antes de a entregar; sinão, ficava compromettidissimo! Por consequencia, esta já não serve. (*Amarrotando a carta e mette-a na algibeira*). Pois, vamos fazer outra; e quanto antes, para acabar de uma vez com este tormentoso addiamento! (*Sae*).

SCENA XI

CARLOS e CANDINHA

CARLOS. — Temos combinado nisto, minha irmã:

e é preciso que te prestes á realisação do plano, de maneira a poder elle surtir o desejado effeito.

CANDINHA. — Ainda me parece um sonho tudo quanto acabo de ouvir ! Tenho a cabeça confusa com tantos acontecimentos ao mesmo tempo !

CARLOS. — Tambem eu ; mas, agora é preciso pôrmos os olhos em Deos, e concorrermos para o desenlace deste encadeiamento de successos, em os quaes a mais prejudicada tem sido nossa desgraçada Mãe. Prudencia, minha Irmã : lembra-te que do bom resultado deste passo depende a solução dos seus dias !

CANDINHA. — Oh ! eu receio muito pelo seu estado de fraqueza ! E' preciso muito cuidado !

CARLOS. — Sem duvida ; mas, por esse lado poderemos estar descansados, porque o Tio Doutor encarega-se de tudo, como já te disse. Agora deve antes nosso Pai, coitado ! vêr-te e abraçar-te, pois está tambem ancioso por isso.

CANDINHA. — Porém, como ?...  
CARLOS. — Á um signal meu, estarão ambos aqui agora mesmo : e não ha tempo a perder. *(Chega á rotula, abre um dos postigos ; acena para um dos lados ; depois fecha o postigo, e se colloca junto do mesmo). Elles ali vêm : só esperavam o meu signal.*

CANDINHA *(levantando as mãos para o Céu)*. Graças, meu Deos ! Volta, finalmente, meu Pai ao seio de sua familia, e vai minha Mãe ser salva, e outra vez feliz !...

## SCENA XII

Os mesmos, o DR. LEOPOLDINO e EDUARDO

CARLOS *(abrindo a rotula, que fecha depois de en-*

*trarem Eduardo e o Dr. Leopoldino)*. — Entre, meu Pai ! *(Apontando para Candinha)*. Eis ali sua filha, que anciosa espera pela sua benção !...

EDUARDO *(correndo para Candinha, que se lhe atira nos braços)*. — Minha filha !... *(Beija-a e abraça-a com effusão e transporte)*.

CANDINHA. — Meu Pai !...

EDUARDO *(beijando e abraçando novamente Candinha)*. — Minha querida filha !...

DR. LEOPOLDINO *(intervindo)*. — É preciso evitar que a doente presinta estas manifestações ruidosas....

EDUARDO *(moderando-se ; ao Dr. Leopoldino)*. — Tem razão, Doutor. *(Contemplando Candinha)*. Louvado seja Deus ! Deixei-te menina, e venho encontrar-te moça !

CANDINHA. — Ah ! meu pai ! quanto nos fez soffrer com a sua ausencia e abandono !...

EDUARDO. — É verdade, minha filha ! A consciencia accusa-me por um excesso de rigor, cujas consequencias venho reparar, si ainda fôr tempo !

CARLOS. — Nunca seria tarde para voltar e tornar a vêr e abraçar sua mulher e seus filhos, meu pai !...

EDUARDO *(procurando com a vista em torno)*. — Mas... onde está ella, que tanto me tarda lançar-me em seus braços ?...

DR. LEOPOLDINO *(a Eduardo)*. — Não convêm, conforme lhe fiz ver já, que ella receba de chofre a noticia da sua chegada ; e, menos ainda, que o veja de repente. — Deixemos que, primeiro, os filhos, que são os que actualmente mais influencia exercem sobre o seu espirito, della se aproximem, e de certo modo a preparem para isso, fallando-lhe da pessoa de seu Pae, e de um sonho, por exemplo, que, como tantos



outros, pôde a Candinha contar-lhe que teve esta noite, no qual se lhe afigurára ter elle voltado a vê-los; e depois, quando estiver já sob essa impressão, eu entrarei, e farei o resto; conduzindo-a para aqui onde terá então lugar o encontro.

EDUARDO (*ao Dr. Leopoldino*). — E quanto a mim, doutor, o que me cumpre fazer até então?

DR. LEOPOLDINO. — Esperar a occasião apropriada, que lhe será indicada por mim. Para isso deve reconhecer-se a aquella alcôva (*aponta para a porta de vidraça da E. B.*) e della sahir só quando eu o chamar.

EDUARDO. — Esperar!... Ainda esperar!... Ah! e terei eu a necessaria força para isso?...

DR. LEOPOLDINO. — E que remedio, si assim é necessario! Agora, mais do que nunca, é preciso proceder com calma e discrição.

CANDINHA (*a Eduardo*). — Sim; já agora, meu Paê sujeite-se á mais este sacrificio!...

CARLOS (*a Eduardo*). — Mais alguma resignação, e dentro em pouco seremos todos outra vez felizes!...

EDUARDO. — Pois bem; sugerir-me-hei ao que fôr preciso. (*Ao Dr. Leopoldino*.) Mas, por quem é, Doutor, não se esqueça de que padeço muito, e do quanto me deve ser custoso cada minuto de espera.

DR. LEOPOLDINO. — (*A Eduardo*). Prometto-lhe não perder tempo. (*A' Candinha e á Carlos*.) Vão; vão para junto de sua Mãe, e procedam do modo por que combinámos, emquanto eu e seu Pai aqui os esperamos.

CANDINHA. — Sim, eu vou já.

CARLOS. — (*A Candinha*). E eu te acompanho, minha irmã. (*Entram pela E. A.*)

SCENA XIII

O DOUTOR LEOPOLDINO E EDUARDO

EDUARDO. — Ah! Doutor! quando me lembro que poderiam ter morrido na miseria, e quasi ao desamparo, minha chara mulher e meus pobres filhos!... Oh! quasi que perco a razão!...

DR. LEOPOLDINO. — Não foi tanto a miseria, nem o desamparo, que mais os acabrunhou e os fez soffrer. O pão do pobre Medico, comquanto pequeno seja, chegou sempre para obstar a que elles morressem de fome. A sua ausencia, porém, que eu não podia remediar; a consciencia, que sua mulher tem, do mal que praticou, da sem razão do seu procedimento; o arrependimento, emfim; e mesmo o remorso, por isso que julgou-o sempre tão infeliz como ella, e até já morto, enfraqueceram-lhe por modo tal as forças vitaes, minaram-lhe tão violentamente o corpo, que, mais cêdo do que se devêra esperar, chegou ao estado melindroso e grave em que se acha.

EDUARDO. — Sei quanto tem feito por elles todos, Doutor, e que aos seus favores e desvellos é que devo vir ainda encontrar viva a minha pobre Luiza! Porém tambem sei, e sabia já, antes de partir d'aqui, que não deveria contar sómente com os seus recursos e boa vontade. Ah! meu amigo! Esse homem que por modo tão infame trahiou a minha intenção, prejudicando tão deshumanamente minha infeliz familia, foi o instrumento mais poderoso de que se serviu o céo para o meu castigo!

DR. LEOPOLDINO. — E foi; devemos acreditar n'isso!

EDUARDO. — Mas, emfim, soffresse eu embora todos os tormentos de que sou merecedor como o principal

author de tantos males; porém, elles, os adorados da minh'alma, a querida Luiza e os meus amados filhos!... Elles, que foram sempre os principaes objectos dos meus cuidados... Oh! eu mal podia imaginar que tão longe chegassem os seus tormentos e provações! Sim... juro-lhe, Doutor, que nunca foi minha intenção abandonal-os por uma vez, e por semelhante maneira! Minha pobre familia!.. (Chora.)

DR. LEOPOLDINO.—Essa justiça lhe fiz eu sempre. Não acreditei nunca que tal fosse a sua intenção. Mas, porque havia lembrar-se, para a realisação de seus planos, de um homem estranho, e em todo o caso, menos interessado pela sorte de sua familia do que os seus proprios parentes?...

EDUARDO.— Por effeito d'essa mesma loucura, Doutor; d'esse impeto do meu genio, que fica assim agora sufficientemente castigado e corrigido.—Em poder d'esse homem estavam, como já lhe disse, as vinte apolices que eu possuia, e que constituíam todo o meu fundo de reservas e economias: e, pois, encarreguei-o de, com o respectivo juro, para cuja cobrança tinha já procuração, subvencionar minha familia, acreditando que ficava ella assim sufficientemente amparada durante a minha ausencia.— Longe, Oh! bem longe! estava eu de pensar que pudesse esse malvado faltar logo desde o primeiro mez com essa prestação!....

DR. LEOPOLDINO.— Com effeito, nunca receberam cousa alguma. Mas, como pôde saber disso?

EDUARDO.— Pois, já não lhe dice?... Deixei de receber cartas do falsario, e de balde as reclamei mais de uma vez. Assaltado por uma justa preocupação, resolvi vir então por mim mesmo certificar-me do motivo d'esta falta, e eis que só agora sei do que foi capaz de praticar esse amigo infiel,

desleal e deshumano! Ah! que se o encontrasse tornar-me-hia um assassino!....

DR. LEOPOLDINO.— E' realmente horroroso o que acaba de expôr!

EDUARDO.— Oh! horroroso, e tudo o que tenho sabido e tenho visto, e o que ainda vou saber e vêr!— Minha pobre familia! Minha infeliz mulher!...— Doutor! quanto sou desgraçado! (Chorando, atira-se sobre uma cadeira.)

DR. LEOPOLDINO (A'parte.)— Infeliz marido! Desgraçado pai!!— Que exemplo têm aqui os que não querem vêr que o erro muitas vezes é filho da falta de reflexão, e que esta é incompativel com os assômos de um genio desregrado, impetuoso e violento!— (Alto, chegando-se para Eduardo.) Meu amigo, não é por esse modo que havemos agora remediar as cousas. Cumpre-lhe mostrar-se forte e ajudar-me, para que cheguemos com felicidade ao fim que nos propomos.

EDUARDO (levantando-se, e depois de enxugar os olhos).— Tem razão; estou prompto.— Ah! Doutor! Prestenos ainda este importantissimo serviço, e eu lhe deverei mais do que a vida!

DR. LEOPOLDINO.— Póde estar certo de que heide proceder com toda a prudencia: assim seja eu coadjuvado na realisação do meu plano, observando-se fielmente tudo quanto lhes tenho recomendado. Mas.... (olhando para dentro) Ahi vem os seus filhos.

#### SCENA XIV

OS MESMOS, CANDINHA e CARLOS.

CANDINHA (entrando e dirigindo-se ao Dr. Leopoldino.)  
— Mamãe está um pouco afflicta, e sabendo que Vm. estava aqui, mandou-o chamar.

DR. LEOPOLDINO.—E para que disseram vocês que eu aqui estava ?....

CARLOS.—Ella me determinou que o fosse chamar, e eu então lhe disse que Vm. aqui se achava.

EDUARDO (*Com vivo interesse*).—Ha alguma novidade ?... Ella sente-se peor ?...

DR. LEOPOLDINO.—Não; são pequenos accessos nervósos, propios do estado de fraqueza em que se acha.

EDUARDO (*Como acima, ao Dr. Leopoldino, e querendo entrar*).—Doutor, não posso mais contêr-me... por quem é, deixe-me ir ter com ella... Oh! eu preciso vê-la !...

DR. LEOPOLDINO (*Detendo-o*).—Não convêm, meu amigo: já lhe disse.—Tenha paciencia.—Deve es- perar aqui mesmo; e quando ella se aproximar, re- cõlha-se á aquella alcõva.—Eu vou buscal-a. (*Di- rige-se para dentro*).

CARLOS. (*Acompanhando o Doutor até á porta*).—Vá, meu Tio; no senhor depositamos toda a nossa es- perança; e esteja certo de que havemos ajudal-o quanto nos cumpre e deseja. (*O Dr. Leopoldino sac.*)

SCENA XV.

CANDINHA, EDUARDO E CARLOS

CANDINHA. (*A Eduardo*).—Finalmente, meu Pae, vai minha Mãe recuperar nos seus braços a vida e a felicidade!

EDUARDO.—Sim, minha filha; já era tempo de cessar tamanho martyrio !...

CANDINHA.—Oh! muito temos soffrido!

EDUARDO (*Olhando em torno*).—Esta triste e aca- nhada cazinha; o aspecto, quasi de miseria, que tudo isto tem, bastam para attestar quanto devem ter soffrido! Ah! e fui eu quem os sujeitou á tan- to!... Oh! minhas passadas venturas! Minha vida de outr'ora, tão regular e feliz! E pude n'um mo- mento de exaltação acabar com tudo isto!...

CARLOS.—Mal pôde imaginar o que temos passado, meu Pae.

EDUARDO.—Posso: posso medir pelos meus os seus soffrimentos!—Estes cabellos branquecidos antes de tempo; estas rugas precoces; todo o meu estado, emfim, attestam o que tambem passou sobre mim durante cinco annos do mais tormentoso exilio.

CANDINHA.—Mas, emfim, Deus pôz um termo á tudo isso, e hoje compensa-nos com uma felicidade sem limites, que d'aqui em diante havemos des- fructar todos juntos! (*A Carlos*). E nossa Mãe, Car- los! Como não vae ella ser feliz!...

CARLOS.—Coitada! Escapou de estar vindo do Céu estes momentos de nossa ventura!

EDUARDO (*Com vivacidade, interrompendo Carlos*).— Oh! não digas isso!... Então seria eu duplamente desgraçado, porque, além de tudo, ter-me-hia con- stituido um assassino! Meu Deus! Como é tormen- tosa para mim esta idéa!... (*Aperta a cabeça com ambas as mãos*).

CANDINHA.—Deus é justo, meu Pae! Minha Mãe

não devia morrer antes de outra vez vê-lo e abraçá-lo! Oh! ella é tão boa; são tantas as suas virtudes, que o Céu lhe não negaria, por certo, este favor!

EDUARDO (*Como tranquilizando-se*).— Também penso assim, minha filha; mas, como um castigo á violencia do meu procedimento, podia Deos já tel-a roubado ao martyrio que lhe preparei; e, então, ainda mais infeliz seria eu, que, em lucta com o remorso, pagaria bem caro o meu crime!...

CARLOS (*Dirigindo-se para Eduardo, depois de olhar para dentro*).— Ouço-a fallar.. já sahio do quarto e, em alguns instantes, estará aqui.— E' preciso occultar-se, meu Pae, para cumprir o que promettemos; e, entretanto, não falle alto que ella pôde ouvir a sua voz.

EDUARDO (*Com voz modificada, encaminhando-se para a alcôva*).— E' indefinivel o que em mim se passa n'este momento! (*Querendo dirigir-se para dentro*). Não posso resistir ao desejo de ir ao seu encontro!...

CARLOS (*Rapidamente, detendo Eduardo*).— Fôra uma indiscrição, meu Pae! Transtornaria todo o plano, e poderia mesmo dar lugar a algum accidente funesto! (*Depois de ter olhado para dentro, pelo corredor*). Ellesahi vem!

CANDINHA (*A' Eduardo*).— E' preciso fazer o que titio Doutor disse.

EDUARDO (*Contrariado, dirigindo-se para a alcôva*).— Sugeitemo-nos a mais esta provação! (*Entra para a alcôva, deixando entre-aberta a porta da mesma*).

SCENA XVI

CARLOS, CANDINHA, JOSEPHA E LUIZA

(*Esta vem apoiada no Dr. Leopoldino e em Josepha.*)

LUIZA.— Já preciso descansar.... sentem-me....

DR. LEOPOLDINO (*Sentando Luiza na cadeira de braços que fica proxima da janella e quasi em frente da alcôva*).— Aqui está a sua cadeira! aqui mesmo é que deve ficar.

(*A porta da alcôva se abre; vê-se Eduardo que, querendo precipitar-se em scena, é impedido por um aceno do Dr. Leopoldino, e pondo então ambas as mãos na cabeça, em estado de visivel contrariedade e affligão, recua, cerrando de novo a porta.*)

CANDINHA (*Limpendo o suor de Luiza*).— Como está suada!

CARLOS.— Ha de ser do calor. Esta casa lá dentro é muito acanhada e quente.

DR. LEOPOLDINO.— Convêm que esteja antes aqui. Com effeito é menos abafado o lugar, e por isso, respira-se mais livremente....

JOSEPHA (*A' Luiza*).— Eu não lhe disse?...

LUIZA.— Não ha muitos minutos que sahi d'aqui....

CANDINHA (*Ao Dr. Leopoldino*).— Porem, não foi Titio mesmo quem recommendou que Mãe ficasse no quarto hoje?...

DR. LEOPOLDINO (*A' parte*).— Não me lembrava d'isso! (*Alto*) Sim; mas, era só emquanto o dia se tornava mais quente. Agora convêm o contrario.

LUIZA.— Para mim é indifferente: tanto me faz morrer nesta como na outra sala...

CANDINHA (*interrompendo*).— Jesus !....

CARLOS (*idem*).— Que idéia, minha Mãe !...

DR. LEOPOLDINO (*A' Luiza*).— Ora, vamos; e por que ?....

LUIZA (*Fallando com esforço*).— Porque ?... em ambas estão accumuladas.... e gravadas nas paredes, pela minha imaginação, as dolorosas recordações, que ha cinco annos recapitulo á cada instante, e que hão de tornar mais dolorosos ainda os meus ultimos momentos !...

CARLOS (*A' Luiza*).— Não deve mais pensar n'essas cousas; os Medicos lh'o prohibem....

LUIZA.— Oh ! não me neguem esta consolação ! Assim mesmo é a unica que me resta !

(Abre-se outra vez a porta da alcôva, e apparece novamente Eduardo em estado de completa perturbação, e mal podendo conter-se.)

DR. LEOPOLDINO (*A' Luiza*).— Pois sim; pense como quizer; mas temos que conversar.

(Tomando uma cadeira, dirige-se para o lugar em que está Luiza.)

LUIZA.— Oh ! Eduardo ! Eduardo ! Que severa lição ! Como foste cruel ! E teu coração não te pediu um dia sequer, que corresses a me perdoar e a abraçar os teus filhos ?... (*Chora.*)

### SCENA XVII

OS PRECEDENTES E EDUARDO

EDUARDO (*Sahindo repentinamente da alcova, e precipitando-se em scena com as mãos na cabeça, e como allucinado*).— Não posso mais ! !....

CARLOS (*Indo ao encontro de Eduardo*).— Meu pai !...

EDUARDO.— (*Afastando Carlos*) Deixa-me !....

DR. LEOPOLDINO (*Contrariado, á Eduardo, com ar de reprehensão*).— Que imprudencia ! !

EDUARDO (*Em transpôrte, e estendendo os braços para Luiza*).— Luiza ! Minha adorada Luiza ! !....

LUIZA (*que logo que vê Eduardo, levanta-se tremula e aturdida de prazer, denunciando nos gestos e na physionomia violenta commoção, diz, encarando-o, com voz muito alterada, e estendendo-lhe tambem os braços de Luiza; esta recebe-o com enthusiasmo, depois affasta-o, segurandopelos hombros; encara-o novamente com ternura e, em extase de amoroso contentamento, faz um esforço para fallar, tentando abraçal-o novamente, mas não pôde, e cae desfallecida sobre a cadeira.— Josepha ampara-lhe a cabeça, e nessa posição se conserva todo o resto da scena.*)

CANDINHA (*Com um grito, vendo Luiza desfallecida*).— Minha Mãe !.. (*Cde de joelhos junto de Luiza, ao lado de Josepha, porém mais para a frente.*)

CARLOS. (*Cahindo igualmente de joelhos do outro lado*).— Meu Deus !

JOSEPHA. (*Com exclamação de dôr e sentimento*).— Mãe Santissima, valei-nos ! !....

EDUARDO. (*Ao Dr. Leopoldino, com as mãos na cabeça encarando Luiza, em estado de terror e desespero*).— Está morta, Doutor. ? ! !

DR. LEOPOLDINO (Que com vivo interesse, logo que Luiza cahio-lhe, tem tomado o pulso, a mão sobre o coração e depois os dedos sobre as fontes).—Não....

EDUARDO. (Como acima).—E.... tem esperança?!!

DR. LEOPOLDINO (Com vóz solemne, apontando para o Céu).—Em Deos!!....

Eduardo, que está então tambem junto de Luiza, deixa-se cabir sobre o joelho direito, e com a mão esquerda pegando na da mesma, ergue a cabeça e a mão direita aberta para o Céu.—Carlos e Candinha, de mãos postas, erguem igualmente a cabeça para o Céu, com todos os mais, como invocando a clemencia Eivina.— No mesmo instante uma luz viva e brilhante, partindo do alto da scena do lado opposto áquelle em que se tem formado o grupo, vem reflectir em cheio sobre este. Quadro final, durante o qual ouve-se a musica da orchestra em surdina.

CAE LENTAMENTE O PANNO

FIM DO 3º. E ULTIMO ACTO.

# LIVRARIA

DE

## SERAFIM JOSÉ ALVES

83 RUA SETE DE SETEMBRO 83

Rio de Janeiro.

Amores de Antonio Juca s. c. . . . .	200	Engajamento na cidade do Porto	18000
Amante (o) das harmonias, s. c. . . . .	200	Episodios de um noivado, dr. . . . .	18000
Amores quebrar do que torcer, dr. . . . .	18000	Fui ver a Grã-Duqueza, s. c. . . . .	200
Amores de Paris, dr. . . . .	18000	Filho (o) do ministro, com. em	500
Amor de Roberto, dr. . . . .	18000	1 acto. . . . .	18000
Amor de mantilha, com. . . . .	500	Filhos (os) do inferno, dr. em	18000
Amor (o) para o céo ou trabalhos do	18000	5 actos. . . . .	18000
Amor de cachemira verde, com. . . . .	18000	Fatalidades da vida, dr. em	18000
Amor (o) Theotónico ou a freira	18000	4 actos. . . . .	18000
Amor de Marienburg. . . . .	18000	Filho (o) extravagante, ou lições para os	18000
Amor de Maria. . . . .	500	paes, com. em 3 actos. . . . .	18000
Amor de correspondencia, s. c. . . . .	200	Fechamento (o) das portas, farca.	18000
Amor de Godipán, com. . . . .	500	Filhos (os) dos tres leitos, dr.	18000
Amor do Salteador, sec. dr. . . . .	200	em 5 actos. . . . .	500
Amor de o fim do mundo, s. c. . . . .	200	Falso (o) heroismo, com. em	500
Amor de Domingos Manoel Mendes ao	200	3 actos. . . . .	500
Amor de Capote, s. c. . . . .	200	Familia (a) dos Passidônios,	18000
Amor de duas portas é má de guardar	18500	com. em 1 acto. . . . .	18000
Amor (o) em 3 act. . . . .	18000	Festim ou a mulher estrava-	18500
Amor (a) dos alimentos, s. c. . . . .	200	gante . . . . .	500
Amor (a) com. . . . .	500	Fausto, dr. de Goethe. . . . .	500
Amor (o) clandestino. . . . .	18000	Figuras (a) de cõra, com. . . . .	18000
Amor renegados, dr. . . . .	18000	Festas e bonitas, com. em 1 acto.	18000
Amor sargentos, dr. . . . .	18000	Familia (a) de Moraux, dr. . . . .	18000
Amor atraz de uma, com. . . . .	18000	Filha (a) do administrador, com.	18000
Amor surdos, com. . . . .	18000	em 3 actos. . . . .	18000
Amor (o) atraz da porta, com. . . . .	500	Fugido (o) da Bastilha, dr. . . . .	28000
Amor (a) por Mac. de Assis. . . . .	500	Fernão Telles ou a primeira expedição	500
Amor de Luiz Muniz, dr. . . . .	28000	a Ceuta, dr. . . . .	18500
Amor (o) fiel, dr. . . . .	18000	Francisca de Rimini, trag. . . . .	500
Amor (a) amazonica, com. . . . .	18500	Fidalgas (as) de Pontalec, com.	18000
Amor muito commigo, poe. . . . .	200	dr. . . . .	18000
Amor (o) sen. com. . . . .	200	Falta (a) de miudos, com. . . . .	18000
Amor (o) com. . . . .	18000	Grã (a) duqueza, com. . . . .	18000
Amor (os) com. dr. . . . .	18000	Gaiato (o) de Lisboa, dr. em	200
Amor (o) de Roma, com. . . . .	500	2 actos. . . . .	18000
Amor (a) afinal, com. . . . .	18000	Grève (a) dos Srs. Barbeiros, poesia	200
Amor (o) de S. João, com. . . . .	500	comica. . . . .	18000
Amor (a) além tumulo, dr. . . . .	500	Gil Braz de Santillhana, com. dr. em	500
Amor (as) . . . . .	500	3 actos. . . . .	18000
		Gravata (a) branca, com. em	18000
		1 acto . . . . .	18000
		Guerras do alicrim e da mangeronna.	18000
		com. em 2 actos. . . . .	18000
		Galucho (o) ou amor e gloria, far. em	18000
		2 actos. . . . .	18000